



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**UM OLHAR SOBRE AS DINÂMICAS E PROCESSOS
DAS DISCIPLINAS DE METODOLOGIA E ESTÁGIO
NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES A DISTÂNCIA**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

MAIARA SOBRAL SILVA

**Santa Maria, RS, Brasil
2015**

UM OLHAR SOBRE AS DINÂMICAS E PROCESSOS DAS DISCIPLINAS DE METODOLOGIA E ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES A DISTÂNCIA

MAIARA SOBRAL SILVA

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a qualificação da obtenção do grau de **Mestre em Educação**.

Orientador: Prof. Dr. Guilherme Carlos Corrêa

**Santa Maria, RS, Brasil
2015**

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Silva, Maiara Sobral
UM OLHAR SOBRE AS DINÂMICAS E PROCESSOS DAS
DISCIPLINAS DE METODOLOGIA E ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DE
PROFESSORES A DISTÂNCIA / Maiara Sobral Silva.-2015.
88 p. ; 30cm

Orientador: Guilherme Carlos Corrêa
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em
Educação, RS, 2015

1. Educação a Distância 2. Processo de ensino 3. Dinâmica
de ensino 4. Formação de professores a distância I. Carlos
Corrêa, Guilherme II. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a Dissertação de
Mestrado em Educação

**UM OLHAR SOBRE AS DINÂMICAS E PROCESSOS DAS
DISCIPLINAS DE METODOLOGIA E ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DE
PROFESSORES A DISTÂNCIA**

Elaborada por:
Maiara Sobral Silva

Como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Educação

Comissão Examinadora:

Prof. Dr. Guilherme Carlos Corrêa - (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Prof.^a Dr.^a Ana Maria Hoepers Preve - (UDESC)

Prof. Dr. Jorge Luiz da Cunha – (UFSM)

Prof.^a. Dr.^a. Deisi Sangoi Freitas - (UFSM)

Santa Maria, 15 de junho de 2015.

Aos que amo e me motivam: mãe, filho,
irmão, pai, família, amigos.
E ao Senhor, por ter me proporcionado
essa oportunidade.

AGRADECIMENTOS

... a Deus, pelo amor e cuidado que tem por mim;

... ao meu filho Davi, presente que me lembra a cada dia a importância e o significado de viver;

... à minha mãe Lindoraci, mulher forte e guerreira, pela inspiração e exemplo de vida;

... ao meu irmão Hugo e ao meu pai Sérgio, presenças importantes na formação de quem sou e ainda serei;

... à minha família, nas figuras das minhas avós: Marica e Conceição (*In Memoriam*), que mesmo não entendendo o real significado dessa conquista para mim, estavam sempre me apoiando e incentivando;

... às minhas amigas minterianas: Janaína, Kim, Livia, Candice, Ana Cláudia e Sato, que me suportaram e cuidaram durante as crises dissertativas e me mostram o significado amizade;

... aos meus amigos não minterianos, se assim posso classificá-los: Danniela, Anna Helena, Quenizia, João, Leandro, Najara, Kelline, João Carlos, Eduardo, Diego, Nisiael, Sidney, Marco, Idrlan, que ouviram meus desabaços e me mostram que a amizade vai além daquilo do que se é agradável aos ouvidos, mas sim do que está dentro do coração;

... ao meu orientador, Guilherme Carlos Corrêa, pela forma com que me ensinou e ensina a olhar e ouvir o mundo de uma maneira mais sensível e generosa, até comigo mesma;

... aos membros da banca, professor Jorge Luiz da Cunha e professoras Ana Maria Hoepers Preve e Deisi Sangoi Freitas, pela disponibilidade, atenção e carinho;

... aos amigos que aqui não citei, mas que levo sempre comigo no coração, mas agora às 2h30 da madrugada, faltando dois dias para envio do trabalho me fogem à memória;

... aos entrevistados e envolvidos com o curso que me atenderam com carinho e disponibilidade;

... ao IFTO e à UFSM, que por meio dessa parceria me permitiram sofrer e crescer como mulher.

Rendei graças ao Senhor, porque Ele é bom,
e a sua misericórdia dura para sempre.
Salmos 107:1

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal de Santa Maria

UM OLHAR SOBRE AS DINÂMICAS E PROCESSOS DAS DISCIPLINAS DE METODOLOGIA E ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES A DISTÂNCIA

AUTORA: MAIARA SOBRAL SILVA
ORIENTADOR: GUILHERME CARLOS CORRÊA
Data e Local da Defesa: Santa Maria, 15 de junho de 2015.

O presente trabalho teve como ponto de partida a necessidade por investigar e refletir sobre os processos de ensino das disciplinas de Metodologia do Ensino e Estágio no curso de Licenciatura em Química, na forma de ensino a distância. Para tanto, foi adotada a seguinte metodologia: realizadas entrevistas com estudantes de um curso de licenciatura a distância do Estado do Tocantins, além da observação das aulas presenciais de um curso de licenciatura localizado no Estado do Rio Grande do Sul. Por meio destas, observou-se quais os processos e dinâmicas do ensinar e do aprender no Ensino a Distância. Além disso, buscou-se inverter o fluxo da mensagem, ouvindo os estudantes envolvidos nesse processo, suas angústias e expectativas. Desse modo, com esse estudo foi possível pensar outro viés dessa forma de ensino, saindo um pouco do foco no material e história, para ouvir aqueles que estão sendo formados nessa forma de ensino de formação dos futuros professores.

Palavras-chave: Educação a Distância. Processo de ensino. Dinâmica de ensino. Formação de professores a distância.

ABSTRACT

Dissertation in Education
Graduate Program in Education
Masters Course
Federal University of Santa Maria

A LOOK ON THE DYNAMICS AND PROCESSES OF THE METHODOLOGY AND TRAINING COURSES IN TEACHER EDUCATION DISTANCE

AUTHOR: MAIARA SOBRAL SILVA
ADVISER: GUILHERME CARLOS CORRÊA
Santa Maria, June, 15th, 2015.

This work took as its starting point the need to investigate and reflect on the processes of teaching the disciplines of Education and Training Methodology in the Bachelor's Degree in Chemistry, in the form of distance learning. To this end, the following methodology was adopted: interviews with students from an undergraduate course distance of the State of Tocantins , as well as observation of actual classes of a degree course in the State of Rio Grande do Sul Through these observed If the processes and dynamics of teaching and learning in Distance Education. In addition, it sought to reverse the message flow, listening to the students involved in this process, their anxieties and expectations. Thus, with this study, I think another perspective of this form of education, leaving some focus on the material and history, to listen to those who are being trained in this form of teaching training of future teachers.

Key-words: Distance education. Teaching process. Teaching dynamic. Teacher training at a distance.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EaD – Educação a Distância

EUA – Estados Unidos da América

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

MEC – Ministério da Educação

SACI – Satélite Avançado de Comunicação Interdisciplinar

SATE – Sistema Avançado de Tecnologias Educativas

TO – Tocantins

UAB – Universidade Aberta do Brasil

UFMS – Universidade Federal de Santa Maria

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
1.1	Quais os caminhos que segui até aqui.....	11
2	PERCURSOS E PERCALÇOS METODOLÓGICOS.....	15
3	UM BREVE RELATO SOBRE A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PELA FORMA DE ENSINO A DISTÂNCIA NO BRASIL.....	18
4	A FORMAÇÃO DE PROFESSORES A DISTÂNCIA.....	27
4.1	As estratégias educacionais no ensino pela forma de ensino a distância.....	29
4.2	Análise das matrizes curriculares.....	35
4.3	Ouvindo os estudantes do ensino a distância.....	38
4.4	Diários das aulas do ensino presencial	48
5	CONSIDERAÇÕES (AINDA) TRANSITÓRIAS.....	57
	REFERÊNCIAS.....	59
	APÊNDICES.....	62
	Apêndice A – Roteiro de entrevista.....	63
	Apêndice B – Transcrições das Entrevistas.....	64
	ANEXOS.....	85
	Anexo A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	86
	Anexo B – Termo de Confidencialidade.....	88

1 INTRODUÇÃO

1.1 Quais os caminhos que segui até aqui

Dissertar não é tão fácil quanto parece, mesmo para uma jornalista; falar sobre algo com paixão, mas sem valorização, é um desafio. Neste trabalho pretendo trazer um pouco das minhas considerações e angústias sobre a formação de professores na Forma de Ensino a Distância. Em especial, sobre aqueles que escolheram se dedicar ao Ensino de Ciências ou Química.

Para isso, tentou-se traçar um paralelo entre as formas de ensino presencial e ensino a distância, e como estas são permeadas por elementos e ferramentas da Comunicação.

Aqui precisa ser aberto um parêntese para destacar que o termo a ser utilizado será forma de ensino ou forma de educação, seja a distância, seja presencial, não se utilizará o termo modalidade para evitar confusão com especificidades educacionais, tais como: Educação de Jovens e Adultos, Educação Especial, Educação Profissional, Educação Indígena, estas, sim, modalidades educacionais. Como bem lembra Lemgruber ([s/d]): “apesar de ser corrente a referência à educação a distância como uma modalidade”.

Por mais que às vezes o meu EU fale mais alto do que a pesquisa, não é a intenção tornar este estudo uma autobiografia, até mesmo porque, no auge dos meus 27 anos, percebe-se que 23 foram de um logo processo de escolarização, seja pela socialização, pela alfabetização, pela formalização e, por fim, a tecnificação. Esta última causadora da crise vivenciada enquanto nascia esta pesquisa.

Crise que surge como um choque de realidade, nesses caminhos, é perceptível que ao contrário de ir além dos caminhos já traçados como procurou Herzog¹ em seus filmes, contentei-me em ser um corpo dócil², em atender às

1 Considerações do cineasta alemão Werner Herzog citadas pela professora Ana Maria Preve em palestra realizada no Seminário de Estratégias do Contemporâneo no dia 10 de outubro de 2013 na Universidade Federal de Santa Maria – UFSM.

2 Termo cunhado por Michel Foucault na obra Vigiar e Punir, na qual ele pensa como as instituições

expectativas e às avaliações. Porém, essa docilização em nada tem me ajudado a construir o meu conhecimento, fui ensinada a discordar e/ou concordar com os baluartes do pensamento e a utilizar estratégias alheias para alcançar alguns objetivos propostos. Até que ponto isso me constituiu um ser?

Essa confusão ao (não) pensar pode ser explicitada ao falar como surgiu o interesse pelo objeto desta pesquisa. Ao ingressar no Programa de Pós-Graduação em Educação, pensava estudar a existência de projetos educacionais nas escolas de Palmas-TO, uma vez que muitos educadores acreditam que a Educomunicação focando na utilização dos meios de comunicação em sala de aula pode ser uma das formas de atrair os olhares do novo perfil de aluno existente no século XXI. No entanto, essa característica não contemplaria meu objetivo, pois pretendia investigar em que medida a Educomunicação, como forma de emissão de conteúdo, poderia contribuir para a emancipação do aluno, percebendo nos estudantes um possível polo de produção de mensagens e materiais comunicativos, tais como fanzines, vídeos, entre outros.

Para Faria (1999, p. 97), “enquanto educadores, é preciso descobrir como romper com ‘o papel ‘reprodutor’ da escola e estimular um projeto pedagógico que atenda aos interesses reais da maioria da população”, o que, de acordo com essa autora, passa necessariamente pelo campo cultural e pelos meios de Comunicação.

Segundo o Manual de Educomunicação, a escola é um dos tantos espaços em que a Educomunicação pode acontecer, visto que os docentes podem, por exemplo, promover atividades que tenham como objetivo esclarecer como os meios de Comunicação abordam os fatos, para atender aos interesses de alguns grupos.

Além disso, podem também oferecer condições para que, além de aprender a ler textos midiáticos, os alunos aprendam a produzir conteúdos próprios. Mas hoje vejo que os projetos educacionais ainda não existem como ações instituídas, com foco na participação do sujeito, pois não há essa vontade de romper com o tecnicismo.

Daí com foco nesta formação jornalística, após as leituras e as conversas com o orientador deste estudo, percebi que nunca me atentei ao fato de que o modelo tradicional de escola tem muito bem se utilizado da Teoria Matemática da Comunicação no processo de ensino-aprendizagem. Sendo assim, esse movimento

mostrou-me que a Educação e a Comunicação já estão juntas, fiquei frustrada por acreditar que estava propondo algo novo e me dei conta de que os processos comunicacionais permeiam os ambientes escolares há muito tempo.

Tal modelo baseia-se no seguinte fluxo: emissor → mensagem → receptor, neste o significado da mensagem não é tão importante quanto a sua precisão e eficácia, nesse caso não é prevista a importância do ruído, considera-se que todos os receptores recebam a mensagem da mesma forma, ou seja, o conteúdo da mensagem é superestimado. Ao chegar nessa consideração, fiquei envergonhada por nunca ter feito essa comparação com a escola.

Visto que a Teoria Matemática da Comunicação e sua proximidade com a Teoria dos Sistemas tem um objetivo, como afirma Corrêa (2006, p.164) “comunicação, pedagogia e harmonia são associadas por um operador científico formalizado na análise de sistemas. É no interior dos jogos de guerra [...] que se organiza a ação da ampla escolarização da sociedade brasileira a partir do golpe de 64”.

A escola como instituição disciplinadora tem um papel muito importante, como preconizam a Constituição Federal de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), de constituir o bicho-homem em cidadão-homem. Essa cidadania é considerada o momento em que o sujeito apropria-se dos seus direitos e deveres, quando ele aprende o que é ou não legal segundo as normas que definem o contrato social de tal Estado.

Antes de prosseguir com o estudo, é preciso esclarecer algumas alterações que foram acontecendo desse caminho daqui até o dali mais adiante. Em um primeiro momento, durante o projeto para qualificação, o intuito da pesquisa era entrevistar os egressos do ensino a distância, já inseridos na atividade docente, mas infelizmente, após contatar as secretarias de educação, municipal e estadual, não foram repassados os dados mínimos para dar prosseguimento a essa metodologia .

Tendo em vista o curto período para finalização do trabalho, optou-se por traçar um novo caminho: entrevistar os estudantes de um curso de licenciatura a distância. Apesar de ter sido menos burocrático obter os dados, um fator foi complicado após essa escolha: encontrar os sujeitos, professores, tutores e alunos, reunidos ao mesmo tempo no mesmo lugar. Mesmo com essa dificuldade foi possível ouvir a maioria dos estudantes dispostos a colaborar com a pesquisa.

Com o intuito de preservar as identidades dos envolvidos nessa pesquisa, adotou-se a seguinte nomenclatura, chamar os entrevistados do ensino a distância por nomes da literatura brasileira e nomear os estudantes das aulas de metodologia e estágio na forma presencial com nomes de artistas plásticos brasileiros.

2 PERCURSOS E PERCALÇOS METODOLÓGICOS

Quais os processos que me ajudaram a pensar nisso? Após acompanhar as aulas e discutir as potencialidades das formas de ensino com os alunos, surgiu uma questão de cunho metodológico: quais as estratégias educacionais nessas licenciaturas a distância?

Para traçar um paralelo, foram descritos alguns momentos desse acompanhamento. Destacando que o foco das narrativas não foi traçar um estudo comparativo, mas sim pontuar impressões que desdobraram no objeto desta pesquisa. Dessa forma, as entrevistas com os estudantes do curso ministrado a distância e o acompanhamento das aulas no ensino presencial foram pontuais para abrir um leque de possibilidades no que diz respeito ao ato de aprender e ao ato de ensinar.

Para isso, foi realizada uma pesquisa no buscador do site Google com a seguinte sentença: cursos de licenciatura a distância. Serão discriminados na pesquisa os resultados das quatro primeiras páginas.

O Google foi escolhido por ser o site de buscas mais acessado pelos brasileiros, segundo a Folha Online (2008). Conforme matéria, cerca de 90% dos usuários o utilizam em primeiro lugar. A página é caracterizada como um indexador, que Yamaoka (2005, p.153) define “mecanismos de busca têm como prioridade a indexação do maior volume de documentos da *Web*, buscando o máximo de acesso, a indexação automática e a recuperação e a apresentação dos resultados baseados em critérios de relevância”.

O primeiro resultado, desconsiderando os anúncios pagos, foi: <http://ead.unit.br/cursos/>. Nesta página há a descrição de seis cursos: Licenciatura em Geografia, Licenciatura em História, Licenciatura em Informática, Licenciatura em Português – Espanhol, Licenciatura Português e Licenciatura Matemática.

Cada descrição tem em média uma página; o que me chamou atenção é que elas destacam o ensino a distância como uma forma de ensino que propicia uma formação diferente a esse futuro professor, uma vez que estimula a autonomia e o estudo independente. Como fica claro neste trecho da descrição do curso de licenciatura em Matemática: “*O curso de Matemática na forma de ensino a distância*

faz com que o discente adquira características particulares na forma de ensino, por exemplo, a separação do professor e aprendiz no tempo e no espaço, estudo independente, no qual o aprendiz administra o tempo, espaço e ritmo de estudo [...]', fica claro que o texto discorre sobre um objetivo, mas não define o processo, até mesmo porque acreditam em uma formação individual.

Continuando a análise pelo curso de licenciatura de Matemática, segue sua estrutura curricular, dentre as disciplinas pedagógicas do curso estão: História e Filosofia da Educação, Introdução ao Ensino a Distância (1º período), Psicologia da Educação, Sociologia da Educação (2º período), Didática, Estágio Supervisionado do Ensino I, Organização do Trabalho Pedagógico (3º período), Estágio Supervisionado do Ensino II, Novas Tecnologias aplicadas ao ensino de Matemática (4º período), Educação e Diversidade e Estágio Supervisionado do Ensino III (5º semestre) e Libras (6º período). No total, são 414 horas de estágio, 540 horas de disciplinas pedagógicas e 1782 horas de disciplinas matemáticas.

Traçando um paralelo com um curso presencial, o curso a distância tem uma carga horária menor, pois tem seis semestres, que perfazem três anos. Já o curso de ensino presencial, geralmente, é realizado em quatro ou cinco anos.

Navegando nesses cursos, surgiu o interesse de conversar com os sujeitos dessa formação, pois não é possível afirmar que a presença seja diferente nos cursos de licenciatura a distância, sem dar voz aos seus estudantes. Sendo assim, será adotada a entrevista em profundidade como procedimento metodológico para conhecer um pouco dos egressos dessa forma de ensino.

Como foi feita a escolha desses participantes? No intuito de estudar a forma com que os estudantes dos cursos de licenciatura a distância lidam com a experiência de aprender a distância e com as disciplinas de metodologia e estágio, as entrevistas foram feitas com estudantes da rede federal de ensino a distância do Tocantins.

Com o objetivo de delimitar o universo desta pesquisa, foram solicitados à coordenação do curso investigado os contatos dos estudantes frequentes e permanentes, uma vez que, como verificado nas entrevistas, o índice de evasão nesse curso é alto.

Para a escolha dos sujeitos, foi encaminhado e-mail a 20 estudantes, distribuídos em três polos de ensino, dos quais apenas seis aceitaram participar do

estudo; no entanto, uma das alunas não foi ouvida por falta de compatibilidade entre os horários e a localidade onde mora. Segundo Omena (2006), a entrevista em profundidade tem por objetivo buscar a intensidade nas repostas; dessa forma, não visa uma quantificação ou representação estatística. Além disso, a autora destaca que essa forma de ensino de entrevista fornece elementos para compreensão de uma situação ou estrutura de um problema. Para Duarte (2005, p. 62) a técnica permite:

Identificar problemas, microinterações, padrões e detalhes, obter juízos de valor e interpretações, caracterizar a riqueza de um tema e explicar fenômenos de abrangência limitada [...] bastante útil para lidar com problemas complexos ao permitir uma construção baseada em relatos de interpretação e experiências assumindo-se que não será obtida uma visão objetiva do tema de pesquisa.

Ao ouvir os sujeitos, pretende-se, além de entender quais os mecanismos que o ensino a distância adota nos cursos de licenciatura, compreender como os seus egressos se sentem em relação às metodologias e aos estágios, quais as suas experiências e considerações sobre a formação de professores nessa forma de ensino.

As perguntas que foram realizadas buscaram conhecer o perfil de cada egresso, assim como sua formação, quais as suas histórias durante essa trajetória de formação inicial, quais eram as expectativas ao ingressar no curso, se essas expectativas foram atendidas, quais as metodologias utilizadas, quais foram as estratégias nas aulas de didática e na supervisão de estágios.

O roteiro de entrevistas (APÊNDICE A) contou com perguntas previamente estabelecidas, sendo estas abertas e fechadas, caracterizando uma entrevista semiestruturada.

As entrevistas foram realizadas individualmente, exceto uma que foi realizada em dupla, gravadas e, posteriormente, transcritas e analisadas, após a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido.

Além disso, como os entrevistados foram professores, buscou-se compreender como as atividades discentes destes foram praticadas e como a formação a distância influenciará ou não suas aulas. Vale destacar que transcrição das entrevistas está disponibilizada, na íntegra, no Apêndice B.

3 UM BREVE RELATO SOBRE A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PELA FORMA DE ENSINO A DISTÂNCIA NO BRASIL

Engraçado como passamos anos indo e voltando da escola e na hora de definir o que é escola? Cadê as palavras? Corrêa ([s.d]) no texto 'O que é a escola' traz alguns norteadores para uma possível resposta a essa pergunta, aparentemente inocente, mas cheia de implicações.

As missões jesuíticas chegaram ao Brasil em 1549, quase 50 anos depois do assim chamado descobrimento. Elas tinham o objetivo de tornar cristãos os nativos, dessa nova terra. Em um primeiro momento, os jesuítas não conseguiram convencer os índios a mudarem seus hábitos e costumes, por isso a estratégia para conversão destes foi mudada, foram criados os aldeamentos.

Nas aldeias, os índios foram obrigados a se fixar, não podendo mais praticar o nomadismo, além disso, eles começavam a ser disciplinados quanto a horários e atividades. Mesmo que em 200 anos de prática, entre 1549 e 1759, os jesuítas, portugueses estabelecidos ao longo do litoral brasileiro, só tenham criado 17 colégios, eles instruíram um novo *locus* de ensino-aprendizagem: “este controle cotidiano da vida profana é onde se concentra a força da pedagogia jesuítica” (CORRÊA, [s.d], p. 57).

É importante destacar que, até o ano de 1808, quando a Família Real Portuguesa chegou a sua até então Colônia, “eram proibidas escolas, jornais, circulação de livros, associações, discussão de ideias, bibliotecas, fábricas, agremiações políticas e qualquer outra forma de movimento cultural ou de produção livre e bens” (LIMA, 1975, p. 19).

Nesse sentido, o Brasil ficou 300 anos sem nenhuma movimentação no que dizia respeito a tais fatores. Também nesse ano, o Marquês de Pombal aboliu o monopólio educacional da Companhia de Jesus, expulsando os jesuítas do país.

Com a chegada da Família Real, surgem os primeiros cursos no Brasil, com o intuito de facilitar a adaptação desta ao seu novo *habitat*.

No que se refere à educação, a primeira Constituição, promulgada em 1824, determinava a instrução primária gratuita para todos os cidadãos, mas não considerava os negros e os pobres. Mais tarde, em 1827, é promulgada a primeira

lei direcionada à educação nacional, conhecida com a primeira Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da Educação. A referida lei recomendava a implantação de escolas primárias em todas as cidades, vilas e lugarejos mais populosos do país.

Em 1834, com a divulgação do Ato Adicional, a regulação e promoção da educação primária e secundária foram delegadas às províncias. Segundo Romanelli (1978, p. 40):

O resultado foi que o ensino, sobretudo o secundário, acabou ficando nas mãos da iniciativa privada e o ensino primário foi relegado ao abandono, com pouquíssimas escolas, sobrevivendo à custa do sacrifício de alguns mestres-escolas, que, destituídos de habilitação para o exercício de qualquer profissão rendosa, se viam na contingência de ensinar.

Até a Proclamação da República, em 1889, não foram realizados grandes feitos para a educação das massas. Quando a Colônia se torna República, “o período é bastante contraditório, pois, apesar da questão educacional começar a fazer parte das discussões políticas, numa tentativa de tornar possível a escola estatal para todos, observa-se a manutenção de vários privilégios, o que acentuou os problemas seculares da educação nacional” (GUIMARÃES-IOSIF, 2009, p. 47).

Com a promulgação da Constituição, em 1891, a política de descentralização da educação, iniciada no Império, foi consolidada. Nesta, à União ficou reservado o direito de criar instituições de ensino superior e secundário nos Estados e delegado aos Estados promover e legislar sobre a educação primária.

Para Romanelli (1978, p. 41) foi “a consagração do sistema dual de ensino [...]. Era também uma forma de oficialização da distância que se mostrava, na prática, entre a educação da classe dominante (escolas secundárias acadêmicas e escolas superiores) e a educação do povo (escola primária e escola profissional)”.

Em 1930, começa a era Vargas, que vai até 1945, quando ele é deposto ao decretar o Estado Novo. Nesse período os direitos sociais começam a ganhar espaço na política brasileira. É preciso destacar que, no que se refere à política internacional, o mundo está passando por várias mudanças em função da Segunda Guerra Mundial (1939 a 1945).

Para Santos (1981, p.55), a partir de 1930:

É o período de extensão da estrutura capitalista no país, da constituição de um Estado forte e centralizador, é a época em que se implanta progressivamente um projeto de 'desenvolvimento nacional', em que se ampliam os 'direitos sociais da cidadania', em que se instaura uma 'política de massas', isto é, uma política de incorporação-neutralização das classes populares urbanas no quadro do populismo.

É importante salientar que, durante o Estado Novo, o papel principal da Educação era instruir o profissional para exercício de trabalhos primordiais à modernização, fase que era incentivada pela administração pública na época.

Nesse panorama, em 1939 foi criado o Instituto Rádio-Técnico Monitor e, em 1941, o Instituto Universal Brasileiro, este último existente até hoje e responsável pela formação via correspondência na época em que foi criado.

Logo após o período Vargas (1930 – 1945), inicia-se o Governo Dutra, e com a promulgação da Constituição de 1946, os recursos para a educação voltam a ser vinculados, ponto suprimido da Constituição de 1937. Além disso, essa nova constituição inicia as discussões para a criação de uma Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional³.

Dutra não representava oposição a Vargas, tanto que mais tarde, em 1951, este retornaria ao poder pelo voto popular. Ao voltar ao governo, Getúlio Vargas prossegue com sua campanha nacionalista e, pressionado para deixar o cargo de Presidente, comete suicídio em 1954.

Com a posse de Juscelino Kubitschek, em 1956, começa uma nova fase para o Brasil: a desenvolvimentista, na qual o Governo abre as portas para o capital estrangeiro com o objetivo de consolidar um projeto de modernização viabilizado pela industrialização. No que diz respeito à educação, nesse período, estão em andamento, no Ministério da Educação (MEC), os projetos que, em 1961, dariam origem à primeira LDB do Brasil.

Para Lima (1975, p. 208), após a promulgação da LDB, acontece a popularização do sistema escolar que até então era elitista e destinado às classes dominantes; ele lembra que naquele momento muitos que participavam do processo de criação da lei não viam “suas graves implicações sociológicas”.

O autor destaca que o âmago desta reforma foi:

3 Vale destacar que esse desejo torna-se realidade muitos anos mais tarde, na forma da Lei nº 4.024/61.

Os conselhos formados por todos os “interessados” nos problemas de educação passam a dirigir a educação nacional, inclusive a decidir o uso das reservas orçamentárias destinadas à educação do país. [...] A lei de Diretrizes e Bases visou, portanto, exclusivamente, decidir com quem ficaria o controle das verbas orçamentárias destinadas à educação nacional! Nada ocorreu no sistema escolar, propriamente... (LIMA, 1975, p. 211-212).

Diante dessa exposição, percebe-se que a lei buscou amarrar e regulamentar o sistema educacional de ensino brasileiro, tornando este normatizado e padronizado, não houve muitas mudanças sociológicas; como a ampliação da oferta, subsídios para quem não tinha como deixar o trabalho para estudar ou instalação de escolas nas periferias das cidades. Enfim, na lei a popularização da educação era fato, mas, na prática, não era aplicada.

Esse breve resgate histórico faz-se necessário para compreender quais foram as diretrizes e os caminhos que a educação brasileira tomou até o Golpe Militar, deflagrado no ano de 1964.

É interessante observar que o direito à educação foi uma das preocupações dos militares, mais enfatizado do que em outros períodos anteriores. Mas por quê? Como estratégia militar, eles perceberam que ter uma rede de escolas no território brasileiro era questão de “ordem e progresso”, ou seja, de segurança nacional e fortalecimento do próprio Estado (CORRÊA, 2006). O pós-64 pode ser considerado:

[...] como um marco da finalização do Brasil como Estado. Com uma língua comum, com fronteiras demarcadas, dividido em Estados, com leis válidas em todo território expressas pela Constituição Federal, faltava investir em estratégias que garantissem que os habitantes do território não ameaçassem o governo constituído (CORRÊA, 2006, p. 104).

Sendo assim, a escola nacional tinha o objetivo de tornar os indivíduos brasileiros em cidadãos brasileiros. Essa passagem exige a compreensão da escrita, visto que os direitos e deveres, na maioria das vezes, são expressados nesta forma. Daí surge a necessidade de uma educação baseada na cultura escrita e na transmissão de conteúdos.

Um pouco mais tarde, em maio de 1968, surge a publicação do Projeto SACI,

considerado o primeiro modelo de educação a distância a ser implementado no Brasil, este nasce sob a ideia de um satélite educativo, com ampla difusão e cobertura nacional. Não é de se espantar que essa proposta surja em pleno regime militar, pois o ideal de uma escola nacional foi um dos grandes motes desse período. Sobre o SACI, Santos (1981, p. 94) afirma:

O nome proposto é, em si, um verdadeiro programa: simultaneamente uma sigla para designar “Satélite Avançado de Comunicações Interdisciplinares” e a evocação do saci, negrinho pernetta e malandro do folclore brasileiro que tornou-se o símbolo da alegria e da capacidade de viração das crianças das classes populares. Assim, o termo “saci” celebra num mesmo projeto o encontro da tecnologia mais avançada com a espontaneidade criadora da imaginação popular; o que, além disso, permite estampar uma imagem de marca brasileira, nacional.

Com o objetivo de formar bons professores e proporcionar um ensino de qualidade, o Projeto SACI era apresentado sob o argumento de ser um método com baixo custo para alcançar qualquer ponto do país. Além disso, no que dizia respeito às comunicações, este poderia ser uma fonte de renda.

Em 26 de setembro de 1969 é promulgado o Decreto nº 65.239, que criava uma comissão interministerial para estabelecer as orientações para um projeto acerca de um Sistema Avançado de Tecnologias Educativas (SATE), fato que demonstra a simpatia dos militares em relação ao SACI.

Curiosamente, esse projeto nasce no auge do regime militar, pois, como lembra Corrêa (2006), a escolarização dos brasileiros surge como uma estratégia militarista, uma vez que a educação para todos era uma das garantias para a segurança nacional. Pensar que a escola de hoje ainda está baseada nos modelos dessa época é questionar até que ponto a abertura política do país ampliou o pensamento dos seus habitantes.

A escola, como aparelho ideológico do Estado⁴, pouco mudou e ainda enfileira, desmobilizando, seus alunos durante quatro horas em uma cadeira para ouvir um professor que tudo sabe e que tudo vê.

Retomando a cronologia da história do ensino a distância no país, ou como denomina Santos (1981) teleducação, é importante destacar que o projeto SACI não

4 Definição de Althusser para instituições visíveis que estão a serviço do Estado.

foi muito longe. Seu objetivo era qualificar o quadro de professores e universalizar o ensino. Mas, em função da localização geográfica e realidade socioeconômica do Rio Grande do Norte, Estado do qual o satélite seria operado, da crise econômica brasileira, dentre outros fatores, ele não obteve êxito.

Ao abordar a Teoria Geral dos Sistemas, o projeto tinha um caráter de formação de mão de obra, pois levaria cursos para os pequenos produtores rurais, sem analisar seus contextos e práticas. E para ilustrar isso, Santos (1981, p. 209) afirma que: “É compreensível que se compre dos EUA um método de planejamento prontinho, que se faça essa 'importação de tecnologias' sem que seja levantada a mais leve indagação quanto à sua validade”.

Ao trazer um projeto já pronto, vindo de uma cultura e localização tão distantes, no caso Estados Unidos da América, reitera-se que o objetivo do projeto SACI não era levar em conta as especificidades do Brasil, fica visível que a preocupação do Estado estava mais para massificação de uma técnica do que para a valorização das características regionais, pois assim seria mais fácil garantir a ordem e o progresso no Brasil.

Na mesma época do surgimento do SACI, no contexto da transmissão radiofônica, em 1973, é criado o projeto Minerva, que ofertou cursos a pessoas com menor poder aquisitivo.

A ditadura militar, no Brasil e em outros países da América Latina, foi um período mister em reprodução de modelos americanos, desta forma é importante pensar como a Educação desenvolveu-se nessa época. Durante este regime o número de matrículas cresceu exponencialmente, corroborando que a educação para todos é mais uma questão de estratégia do que de necessidade.

Para falar sobre os moldes da Educação a Distância no Brasil atualmente, é preciso ir além do SACI e refletir a respeito das considerações de Lopes *et al* ([s.d]):

A história da educação a distância no Brasil esteve sempre ligada à formação profissional, capacitando as pessoas ao exercício de certas atividades ou ao domínio de determinadas habilidades, sempre motivadas por questões de mercado. A partir dos anos 30, as políticas públicas viram na Educação a Distância uma forma de atingir uma grande massa de analfabetos sem permitir que houvesse grandes reflexões sobre questões sociais.

A preferência por esse modelo educacional, a distância, demonstra além do interesse em atingir um maior número de pessoas, a necessidade de fixação do estudante. Essa pode ser vista como uma ação premeditada em evitar o deslocamento das pessoas da zona rural para a zona urbana, o que não atenderia aos interesses do mercado e causaria conflitos sociais.

Dessa forma, percebe-se nesses projetos a preocupação em ofertar o progresso, mas zelando pela ordem. Ainda na década de 70, em 1973, surge o Telecurso 2º grau, por meio de uma parceria entre a Fundação Padre Anchieta e a Fundação Roberto Marinho. Nesse caso, o foco era a preparação via televisão para os supletivos de 2º grau. No ano seguinte, é criada a Fundação Centro Brasileiro de Televisão Educativa (FCTVE), nesse momento, foram utilizados programas televisivos no projeto Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL).

O próximo passo da evolução da EaD no Brasil foi nos anos 80, quando a Universidade de Brasília (UnB) cria os primeiros cursos de extensão a distância. Na mesma década, surge a TV Educativa do Mato Grosso do Sul, a TV Cultura de São Paulo e a Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos.

A chegada dos anos 90 é marcada pela reformulação do Telecurso 2º grau, que passa ser conhecido por Telecurso 2000 e Telecurso Profissionalizante e pela criação do Canal Futura – canal do conhecimento.

No que diz respeito à legislação, apesar de não regulamentar a forma de ensino, a Lei nº 9394/96, Lei de Diretrizes e Bases (LDB) foi muito importante para a EaD, como aponta Lopes *et al* ([s/d]), a LDB:

[...] assinalou que a mesma deveria ser uma realidade próxima à educação brasileira, inclusive indicando tratamento diferenciado que incluía: custos de transmissão reduzidos em canais comerciais de radiodifusão sonora e de sons e imagens; concessão de canais com finalidades exclusivamente educativas e reserva de tempo mínimo, sem ônus para o Poder Público, pelos concessionários de canais comerciais.

No entanto, mesmo com esse enfoque e delimitação da LDB, e emissão de diversos decretos e portarias, a consolidação da EaD foi feita em 19 de dezembro de 2005, por meio do Decreto nº 5.622, que define os níveis e forma de ensino que poderão ter cursos nessa forma de ensino, além de definir as competências de regulação e equiparar os cursos a distância com os cursos presenciais. O decreto

caracteriza a EaD como:

Para os fins deste Decreto, caracteriza-se a educação a distância como forma de ensino educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos.

Sendo assim, apesar de uma prática antiga, no que diz respeito a legislações, a EaD é um campo novo e aberto, e passa por um momento de explosão, em vários níveis e forma de ensino, mas especialmente no Ensino Superior. Por isso, é preciso pensar sobre essa forma de ensino, além disso, é preciso refletir sobre o papel da EaD na formação de professores no Brasil.

Essa reflexão se faz necessária, pois com o aumento dos estudantes e a redução de interessados na formação docente, o poder público tem ofertado muitos cursos na forma de ensino a distância, com o objetivo de formar professores, como indica os dados enviados pelo Ministério da Educação (MEC) via Sistema Eletrônico do Serviço de Informação ao Cidadão (e-SIC).

Segundo os indicadores, atualmente, existem 6.106 cursos de licenciatura ofertados na forma de ensino a distância pela Universidade Aberta do Brasil⁵ (UAB). A área de atuação dos professores formados por esses cursos vai de Física à Educação Física, passando pela Química, Pedagogia, Matemática, dentre outras.

Ao analisar a tabela por região geográfica do Brasil, os dados demonstram preocupação em formar professores, como os seguintes números denotam: 360 cursos ofertados no Norte, 2.459 no Nordeste, 360 no Centro-Oeste, 2.045 no Sudeste e 882 no Sul, perfazendo o total de 6.106 cursos.

5 Definição segundo o Portal do MEC: o programa que busca ampliar e interiorizar a oferta de cursos e programas de educação superior, por meio da educação a distância. A prioridade é oferecer formação inicial a professores em efetivo exercício na educação básica pública, porém ainda sem graduação, além de formação continuada àqueles já graduados. Também pretende ofertar cursos a dirigentes, gestores e outros profissionais da educação básica da rede pública. Outro objetivo do programa é reduzir as desigualdades na oferta de ensino superior e desenvolver um amplo sistema nacional de educação superior a distância. Há polos de apoio para o desenvolvimento de atividades pedagógicas presenciais, em que os alunos entram em contato com tutores e professores e têm acesso a biblioteca e laboratórios de informática, biologia, química e física. Uma das propostas da Universidade Aberta do Brasil (UAB) é formar professores e outros profissionais de educação nas áreas da diversidade. O objetivo é a disseminação e o desenvolvimento de metodologias educacionais de inserção dos temas de áreas como educação de jovens e adultos, educação ambiental, educação patrimonial, educação para os direitos humanos, educação das relações étnico-raciais, de gênero e orientação sexual e temas da atualidade no cotidiano das práticas das redes de ensino pública e privada de educação básica no Brasil.

Por esses números, percebe-se que oferta de cursos de licenciatura nas regiões Nordeste e Sudeste destoa das demais, o que indica uma demanda iminente por licenciados.

Nesse sentido, à medida que a administração pública e a iniciativa privada têm investido recursos, financeiros e humanos, na oferta de licenciaturas na forma de ensino a distância, fica evidenciada a importância de trazer à tona o debate sobre a formação de professores nessa forma de ensino. A discussão não visa à desmoralização, mas sim ao apontamento dos pontos negativos e dos pontos positivos. Além disso, a reflexão acerca da preparação que os licenciados têm e que eles percebem que têm.

4 A FORMAÇÃO DE PROFESSORES A DISTÂNCIA

Ao tratarmos do ensino na forma de ensino a distância, é preciso pensar como ocorre o uso das tecnologias na Educação, pois se elas forem subutilizadas não alcançarão os resultados previstos e planejados; assim, faz-se necessário repensar a forma com que se validam as aprendizagens, como destaca Lévy (1999, p. 175):

A evolução do sistema de formação não pode ser dissociada da evolução do sistema de reconhecimento dos saberes que a acompanha e a conduz. Como exemplo, é sabido que são os exames que, validando, estruturam os programas de ensino. Usar todas as novas tecnologias na educação e na formação sem mudar em nada os mecanismos de validação das aprendizagens seria o equivalente a inchar os músculos da instituição escolar bloqueando, ao mesmo tempo, o desenvolvimento de seus sentidos e de seu cérebro.

Nesse contexto, atualmente, surge um novo modelo de docência, o qual exige mais do docente, visto que o modelo tradicional focado na transmissão do conteúdo está sendo superado por uma nova forma de interação. Hoje, os estudantes participam mais, questionam mais e se contentam menos, o que leva o professor a buscar uma nova postura, mais de mediador e interlocutor do que de detentor do conhecimento.

Por outro lado, como foi apontado no capítulo anterior, mais do que o uso de tecnologias na sala de aula, elas têm mediado um grande número de cursos de licenciatura, ofertados na forma de ensino a distância. Sendo responsáveis por boa parte dos novos professores que chegam ao mundo do trabalho. Mas quando foi iniciado o uso das tecnologias para esse fim no Brasil?

Na década de 70, a EaD começa a ser utilizada como ferramenta com o intuito de capacitar os professores, por meio da Associação Brasileira de Teleducação (ABT) e do Ministério da Educação (MEC), que promoveram os Seminários Brasileiros de Tecnologia Educacional. Em 1979, a Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Ensino Superior (CAPES) realizou atividades experimentais para formação de professores no interior do Brasil, por meio da

implementação da Pós-Graduação Experimental a Distância.

Em 1984, no Estado de São Paulo, é criado o Projeto Ipê, com o objetivo de aperfeiçoar os professores para o Magistério de 1º e 2º graus. Na mesma década, é criado o projeto “Um Salto para o Futuro”, que promoveria o aperfeiçoamento dos docentes das séries iniciais.

Em 1995, é criada a Secretaria de Educação a Distância (SEED) do MEC, que desenvolveu e implantou no ano 2000, um curso a distância com vínculo ao Projeto TV Escola, com foco na formação de professores.

No que diz respeito à formação inicial de professores, a história da EaD é recente, o seu processo foi desencadeado pela promulgação da Lei nº 9394/96 (LDB), com estruturação a partir do ano 2000 (LOPES et al, [s/d]).

Inicialmente, as instituições públicas eram as principais responsáveis pela oferta, mas, em 2002, as instituições privadas entraram na disputa, agressivamente, e com:

[...] um perfil complementar diferente daquele imaginado pela legislação e, mesmo, daquele praticado pelas instituições públicas: de uma atividade complementar e subsidiária à educação presencial, tornou-se objeto importante na disputa do mercado educacional. (GIOLO, p. 1212, 2008)

Com a oferta dos cursos de licenciatura na forma de ensino a distância em expansão, criou-se um dilema para a atividade de formação docente, em especial para aqueles ofertados na forma de ensino presencial. Segundo Giolo (p. 1217, 2008):

Esse fenômeno, de certa forma, alterou o sentido da Educação a Distância: em vez de ser uma forma de ensino capaz de ampliar o raio de atuação da educação superior para além da esfera abrangida pela educação presencial, tornou-se concorrente da presencial, ou melhor, para certos cursos, ela se constituiu numa ameaça, pois pode praticar preços menores, além de oferecer outras facilidades práticas ligadas ao tempo, ao espaço e aos métodos de aprendizagem.

Conforme dados do Censo da Educação Superior (Censup) 2013, o mais recente divulgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais

Anísio Teixeira (Inep), atualmente, no Brasil, existem 2.391 Instituições de Ensino Superior, das quais 2.090 pertencem à rede privada e 301 à rede pública.

Os números demonstram essa expansão citada por Giolo. Quando o assunto é a distribuição de matrículas nos cursos na forma de Ensino a Distância, o Censup apontou dados expressivos, pois 86,6% das matrículas foram realizadas em instituições privadas e 13,4% em instituições públicas. Dessas matrículas, a maior parte, 39,1%, foi realizada em cursos de licenciatura.

A pesquisa acena para a necessidade de analisar esse fenômeno e estudar a formação de professores na forma de ensino a distância, como acontece a formação dessa pessoa que teve sua trajetória escolar marcada pelo ensino presencial e agora está aprendendo a distância como vai ensinar em uma sala de aula presencial. Quais as estratégias adotadas e necessárias no ensino de metodologia e estágio? Esses alunos estão e se sentem preparados?

4.1 As estratégias educacionais no ensino pela forma de ensino a distância

Questiono-me até que ponto esse ensino, focado em perguntas e respostas, dá conta de um campo muito maior que é o despertar interesse por conhecer.

Nesse sentido, quando a aplicabilidade de tal teoria comunicacional ao mundo da Educação foi tão bem sucedida, percebi que já estudava a Educação sem sabê-lo, e então veio a curiosidade por pesquisar e tentar estudar como a Teoria Matemática da Comunicação está sendo um fluxo desenvolvido tanto no ensino presencial quanto no ensino a distância.

Em meio a esse dilúvio de informações que a sociedade globalizada recebe e produz, é preciso repensar até que ponto a disponibilidade garante a leitura do mundo, pois como destaca Freire (1989, p. 9):

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Dessa forma, o acesso em si não garante que o indivíduo tenha

compreendido a mensagem, pois, ao contrário do que defendiam Shannon e Weaver, cada sujeito recebe a mensagem de uma forma, uma vez que a mensagem vai além do conteúdo e essa variedade de significados e significantes influencia na recepção.

Cabe salientar que a leitura de mundo aliada à leitura da palavra é um fator de empoderamento, e, por isso, por muitas vezes, “o b – a/ ba b – e/ be b – i bi” torna-se um mecanismo de manutenção do *status quo*, visto que a alfabetização mecânica, baseada na memorização não garante à pessoa uma leitura crítica, mas sim o letramento.

O atual cenário, no qual a globalização tem sido apontada como uma grande sacada e forma de encurtar as distâncias, nunca me chamou tanta atenção como agora. Há algum tempo, acreditava nessa máxima, mas vivo um momento de questionamentos. Até que ponto esse universal sem totalidade, como defende Lévy ([s.d]), é real?

Se o acesso à informação ainda depende de condições financeiras e materiais, fica muito difícil acreditar nessa não totalização. Será que todos nós temos as mesmas condições de produzir, inserir e repercutir um conteúdo na rede? A priori, eu não acredito nisso, porque o simples acesso não garante muita coisa.

Sendo assim, surgiu o anseio de investigar como os cursos de licenciatura estão sendo ministrados nas formas de ensinos presencial e a distância e quais as potencialidades específicas de cada modelo, visto que cada um tem uma estratégia de ensino diferenciada. Vale destacar que o objetivo deste estudo não é hierarquizar tais modelos de ensino e muito menos classificá-los em bom ou mau, mas sim pensar sobre como cada ambiente de ensino tem sua particularidade, evitando assim uma homogeneização do processo de ensino-aprendizagem.

O início da jornada foi dado durante o acompanhamento das aulas de duas disciplinas: Metodologia do Ensino de Ciências e Estágio Supervisionado, ambas do curso de licenciatura em Química de uma universidade pública situada no Rio Grande do Sul (RS).

A partir desse momento, e por meio de diálogos orientador/orientanda, orientanda/orientador, percebeu-se a necessidade de pensar na forma de ensino a distância além dos recursos tecnológicos, preparação de professores para lidar com os aparatos ou até mesmo marcos regulatórios. Emergiu a necessidade de estudar a

formação de professores nessa forma de ensino.

O porquê dessa vontade pode ser justificado com base no modelo das aulas presenciais que foram acompanhadas por mim, visto que essas eram baseadas na seguinte estratégia metodológica: cada estudante apresentava uma aula de aproximadamente 45 minutos, na qual expunha um tema trabalhado no Ensino Fundamental. Após a apresentação desse plano de estudo, o professor e os demais colegas faziam suas contribuições e apontamentos.

No caso das aulas de Estágio Supervisionado, essa estratégia ia além, pois como os estudantes estavam estagiando em sala de aula, durante a disciplina, eles compartilhavam suas dúvidas, seus anseios, seus dilemas e conflitos, que sentiam em relação ao desafio de ensinar. E após esse compartilhamento, havia uma troca, pois muitos assuntos eram comuns a todos.

E dessas observações surgiu a indagação: Como isso é possível na forma de ensino a distância?

Depois desse acompanhamento, que será mais detalhado no próximo capítulo, a intenção foi discutir um pouco sobre como tais conteúdos conseguem ou não ser abordados no ambiente a distância. Até que ponto o ensino presencial modifica a forma do estudante se movimentar, perceber-se e sentir-se como produtor de conhecimento. Fala-se em presença aqui como experiência corpórea, por meio do contato que vai além da sensação, o ensino na forma de ensino presencial, não, necessariamente, tem professores mais presentes do que na forma de ensino a distância.

É possível se fazer presente e mostrar a diferença da presença durante esse processo, mas, para isso, é necessário adotar novas estratégias educacionais, e quando se mexe com instituições e pessoas tão bem institucionalizadas as rupturas são inevitáveis. Não sei até onde os cursos de formação de professores estão interessados em realizar essa quebra, pois há certa inércia nesse meio onde o conhecimento está sendo produzido.

Não digo inércia como simples forma de paralização, mas sim como forma de aceitar o que está posto e se acostumar. Quando penso numa zona de conforto, nela sempre estão sujeitos confiantes demais para aceitar a mudança ou inseguros demais para lutar pela mudança. E nesse panorama, a vida vai passando e os mecanismos reforçadores desse sistema se aperfeiçoando.

Um fator que chama muita atenção é de que maneira o ensino, como um todo, forma de ensinamentos e níveis, está associado a um ideal de desenvolvimento. Há uma preocupação desmedida com um futuro que acaba sufocando o presente.

Nesse contexto, é notável como a tecnificação do ensino tem sido difundida nas instituições de ensino, Hoje o conhecimento só vale com a prática. E, em certos casos, a prática vale bem mais que a teoria. Acredito que não exista uma hierarquia, mas deveria ter um cuidado além do ensinar a fazer. Por que quarenta alunos têm que ser instruídos a agirem da mesma forma?

Com esse panorama, vale a reflexão sobre o que afirmam os autores Corrêa e Preve (2011, p. 183), “a análise que propomos se afasta da dicotomia entre teoria e prática e mesmo da superação em uma práxis”.

Dessa forma, é preciso romper com essa divisão entre teoria e prática, e perceber que existem práticas e teorias que vão além do conteúdo e da instrução, como destacam Corrêa e Preve (2011, p. 184):

[...] os conteúdos, como cúmulo de conceitos e modos de percepção (científicos) fixados nos conteúdos escolares, contribuem para tomar o lugar do pensamento na medida em que a escola se propõe a *ensinar* a pensar. O exercício de ensino aprendizagem contribuiria, assim, para uma dupla imobilização.

E o inventar onde cabe nessa história? A invenção fica delegada aos grandes gênios, àqueles que se destacam ou àqueles que não aceitam ficar à margem desse movimento.

Essa banalização da teoria do pensamento faz emergir uma geração que não questiona, ou melhor, reforça esse caráter, uma vez que a servidão voluntária, como explica Étienne de La Boétie⁶, é uma característica do homem moderno.

Falando um pouco dos meus encontros, quando me lembro das minhas experiências com o ensino na forma de ensino a distância, faço outra análise. Na época, acreditava no seu potencial formativo, porque, na maioria das vezes, que me movia era a satisfação ao adquirir o certificado. Só que hoje, vendo de fato o que ficou dos cursos, não consigo identificar como e se eles me moveram, uma vez que as avaliações não exigiam muito do pensamento, mas sim uma articulação de ideias

6 Discurso citado na obra de Pierre Clastres, que questiona a servidão voluntária às instituições, visto que o autor Etienne indaga o porquê dessa servidão voluntária, sem resistência.

entre os autores, objetivo que com um bom texto eu conseguia alcançar.

Talvez na palavra **objetivo** esteja uma das grandes estratégias do nosso modelo de educação baseado em metas e no futuro, poucos educadores compreendem que a mola mestra deste processo deveria ser a vontade de conhecer, de inventar e de pensar, ou seja, a curiosidade.

Os modelos insistem em uma educação instrucionista, calcada na técnica e em objetivos específicos. Essa característica tem impedido muitos estudantes de ir além, a experimentação deveria ser desmistificada. É importante inventar, inventar sozinho, inventar com o outro, inventar em grupo, nesses processos de invenção, surgem movimentos e encontros, muitas vezes descartados por uma visão pragmática da educação.

Educar é um processo e não um objetivo, sendo assim, é preocupante pensar no certificado, na finalização do curso como algo estático e visto como resultado final. Nesse panorama, muitas vezes, os não entendimentos e, até mesmo, o pensamento próprio são definidos como problemas de comunicação, mais especificamente, como ruídos.

Em um desses encontros, especificamente com a professora Ana Maria Preve, em uma palestra do seminário sobre estratégias de formação no contemporâneo, no dia 10 de outubro de 2013, fui apresentada ao Ato de Criação de Deleuze. Neste, o autor trata da diferença entre o ato de comunicar e o ato de criar. Nesse sentido, é preciso reforçar que o ensino como aferidor de conteúdos apreendidos em sala de aula funciona muito bem como ferramenta comunicacional.

Nesse ato, Deleuze (1987, p. 10) refuta o conceito de que uma ideia seja da natureza da comunicação, para ele “[...] a comunicação é a transmissão e a propagação de uma informação. [...] uma informação é um conjunto de palavras de ordem. Quando nos informam, nos dizem o que julgamos que devemos crer. Em outros termos, informar é fazer circular uma palavra de ordem”.

Até que ponto simplesmente reforçar o caráter comunicacional faz do ambiente de aprendizagem um lugar interessante, de construção do novo? Parece que o objetivo de formar cidadãos tem sido superestimado e, enquanto isso, vários instantes mágicos⁷ têm passado despercebidos pelos sujeitos envolvidos nesse processo educacional. Sendo assim, é importante entender que criar vai além de

7 Termo utilizado pela professora Ana Maria Preve durante palestra já citada.

comunicar. E essa comunicação, por várias vezes, serve como reforçadora de clichês, visto que a opinião por si só não potencializa uma nova maneira de ver e (con)viver (DELEUZE; GUATTARI, 1992).

Quando penso nesse processo de invenção de saberes, de chegar a conhecer e ter, de fato, vontade de conhecer algo, não consigo visualizar esse crescimento como algo que se alcance individualmente. Talvez esteja aí o meu maior questionamento em relação ao EaD: como a individualização constrói esse conhecimento?

Acredito, sim, que os ambientes virtuais de aprendizagem possam promover certo grau de interatividade, mas, antes de falarmos nos meios, temos que levar em consideração que estes são operados por seres humanos, que podem ou não interagir. Dessa forma, acreditar nessa interatividade universal e destotalizante é um pouco utópico.

Segundo Rosini ([s.d]), a cibercultura proporciona um novo movimento no que diz respeito ao saber, no qual o sujeito deixa de ser um leitor passivo e começa a ser um leitor ativo por meio do hipertexto e da hipermídia. Esses recursos permitem um novo modo de leitura, pois nela o indivíduo pode escolher os caminhos que deseja seguir para buscar tal saber, uma vez que um link vai ligando-se a outro, além da convergência dos meios. Mas, pelo meu entendimento, reitero aqui que a disponibilidade não garante que o educando apropriar-se-á desse conhecimento.

Essa indagação levo também ao ensino presencial, que, uma vez permeado pelos meios e processos de Comunicação, tem cada vez mais difundido a ideia desse saber individual. Desde quando tratar a todos, individualmente, de maneira igual é respeitar a individualidade? Temos aqui um paradoxo intrigante que, segundo Foucault, servirá como mecanismo totalizante.

O intuito deste estudo não é realizar uma crítica superficial ao ensino a distância, muito pelo contrário, é interessante pensar melhor sobre essa forma de ensino tão em voga, de enxergar suas potencialidades reais e desmistificar seu caráter universal. Essas indagações me norteiam, porque fico intrigada pela forma como algumas pessoas levantam a bandeira do EaD, sem muitas vezes nem conhecer direito sua sistematização e funcionamento. A quem essa bandeira serve?

É preciso abandonar uma visão romântica, e pensar em como os sistemas e mecanismos funcionam a serviço de algo ou alguém. Vamos pensar nisso?

4.2 Análise das matrizes curriculares

Antes de iniciar a discussão sobre os momentos e experiências advindos dos encontros com estudantes, seja no ensino presencial, seja no ensino a distância, vamos falar um pouco sobre os documentos norteadores dos dois cursos: as matrizes curriculares.

No que diz respeito à matriz curricular do curso de licenciatura em Química pelo ensino presencial, observa-se que o curso possui a duração de oito semestres, totalizado uma carga horária de 3.420h, no período diurno, com entrada anual de 37 estudantes.

Quanto à disposição das disciplinas, percebe-se que, desde o primeiro semestre, há oferta de disciplinas pedagógicas. Nesse período são disponibilizadas as seguintes cadeiras: Cálculo Infinitesimal I, Física I, Psicologia da Educação “A”, Química Geral “A” e Química Geral Experimental. No segundo, as seguintes matérias estão disponíveis: Cálculo Infinitesimal II, Física II, Fundamentos Históricos, Filosóficos e Sociológicos da Educação, Química Analítica Qualitativa I, Química Analítica Qualitativa Experimental e Química Inorgânica I “A”.

Já no terceiro período, as disciplinas são: Físico-Química I “A”, Física III “Q”, Química Analítica Quantitativa I, Química Orgânica Básica “A”, Química Analítica Quantitativa Experimental e Química Inorgânica “A”. No quarto semestre, são ofertadas as disciplinas: Introdução à Biologia, Mecanismos de Reações Orgânicas I, Metodologia do Ensino de Ciências, Políticas Públicas e Gestão na Educação Básica e Química Inorgânica Experimental.

No quinto período, os estudantes cursam as seguintes matérias: Análise Instrumental, Didática da Química II, Físico Química III “B”, Fundamentos da Educação Especial e Prática Escolar, Métodos Físicos de Análise Orgânica I e Prática de Ensino de Ciências I. E no sexto semestre, são ofertadas as seguintes disciplinas: Bioquímica “A”, Bioquímica A, Libras I, Metodologia da Pesquisa em Educação, Prática de Ensino de Ciências II e Química Orgânica Experimental.

Já no sétimo período, as disciplinas ofertadas são: Bioquímica “B”, Bioquímica B, Físico-Química Experimental I, Introdução à Pesquisa em Ensino de Ciências e Química, Mineralogia Física e Cristalografia e Prática de Ensino de Química I. Por

fim, no oitavo semestre são ofertadas as seguintes matérias: Bioquímica Experimental, Bioquímica Experimental, Físico-Química Experimental II, Instrumentação para Laboratório de Química, Introdução à Mineralogia Econômica e Prática de Ensino de Química II.

Quanto às disciplinas optativas, são ofertadas as seguintes: Ciência de Coloides e Interface Aplicada, Ciências Naturais e Exatas Mediada por Tecnologia Educacional em Rede, Docência: Trabalho, Profissão e Saberes, Educação e Meio Ambiente, Ensino-aprendizagem de Química Mediado por Tecnologias, Físico Química IV B, Química Aplicada ao Ensino Médio, Química Aplicada a Práticas Educativas em Bio-Orgânica, Química Bioinorgânica, Química dos Compostos de Organometálicos, Toxicologia e Segurança de Laboratório, Tópicos de Ensino de Ciências II, Tópicos em Química, Tópicos Especiais em Ciências I, Tópicos Especiais em Educação I, Tópicos Especiais em Educação II, Tópicos Especiais em Química I e Tópicos Especiais em Química II.

Por outro lado, no curso de licenciatura em Química pelo ensino a distância, observa-se que o curso possui a duração de oito semestres, totalizado uma carga horária de 3.065h, com entrada anual de 50 estudantes.

No que diz respeito à educação mediada por tecnologias, é preciso ressaltar que os sujeitos envolvidos nesse processo, acadêmicos, tutores e professores, podem não estar ao mesmo tempo no mesmo lugar; esse é considerado um dos diferenciais e uma das grandes bandeiras do ensino a distância.

O curso conta com aulas a distância e presenciais, e algumas disciplinas não pedem carga horária prática, mas, no caso das que necessitam, os encontros presenciais são obrigatórios, pois neles as disciplinas que pedem carga horária de laboratório serão ministradas pelo professor. Outro momento cuja presença do aluno permanece obrigatória é o de avaliação presencial, que é aplicada pelo tutor presencial no polo ao qual o aluno está vinculado.

Cada disciplina é avaliada por, no mínimo, duas avaliações presenciais aplicadas no polo. Essas avaliações serão somáticas e deverão representar 70% na nota da disciplina. Os outros 30% que comporão a nota final da disciplina serão obtidos por meio de atividades realizadas a distância. Para os alunos que apresentarem desempenho insatisfatório (média parcial igual ou superior a 4,0 e inferior a 7,0), haverá, depois da avaliação presencial, a prova final.

Segundo a página do curso, a carga horária de estudo a ser dedicada por cada aluno deverá ser distribuída dentro de cada disciplina com 40% de auto estudo, 30% de aula no polo e 30% de mediação digital. A carga horária destinada ao auto estudo poderá ser realizada pelo aluno presencialmente ou a distância e será organizada de acordo com as necessidades de cada um. A porcentagem da carga horária destinada às aulas no polo será realizada nos fins de semana e será verificada pelo tutor presencial com o registro da frequência de cada aluno. A mediação digital será feita por meio do ambiente virtual de aprendizagem, com atividades a distância, que serão acompanhadas pelo tutor presencial e pelo tutor a distância, na plataforma do curso.

As disciplinas do primeiro período são: Ciências da natureza e realidade, Matemática e realidade, Educação e realidade, Informática e educação, Geometria plana e espacial. Já no segundo semestre são ofertadas as seguintes: Medidas e Transformações Químicas, Pré-cálculo, Fundamentos da educação, Geometria analítica e números complexos, Arquitetura atômica e molecular e Física e Ambiente.

Já no terceiro período, são as seguintes disciplinas ofertadas: Diversidade Química do Ambiente, Vivenciando a Química Ambiental, Biodiversidade, Cálculo I, Sociedade, cultura e história da educação, Didática e Formação de professores. O quarto semestre é composto pelas matérias: Química da vida e manipulação de compostos orgânicos, Psicologia da aprendizagem, Funções Biológicas e Regulação, Currículo, política e gestão educacional, Movimentos e Mecânica Clássica e Metodologia do Ensino de Química no Ensino Fundamental.

Por sua vez, no quinto semestre são ministradas as seguintes disciplinas: Termodinâmica, Equilíbrio, Experimentos em Termoquímica e equilíbrio, Energia, Libras, Metodologia do Ensino de Química no Ensino Médio, Estágio Supervisionado I (Ensino de Química e ciências). Já no sexto período, os estudantes cursam as seguintes matérias: Cinética e Propriedades de Superfície, Cinética Experimental, Química de Materiais, Análise de Materiais, Instrumentação para Ensino de Química I e Estágio Supervisionado (Ensino de Química e Ciências).

O sétimo período é composto pelas disciplinas: Mineralogia, Mineralogia Experimental, Relação entre Estrutura Química e Atividade Biológica, Síntese e Caracterização de Produtos Naturais, Instrumentação para o Ensino de Química II e Estágio Supervisionado III (Ensino de Química e Ciências). Por fim, o oitavo

semestre é formado pelas matérias: Pesquisa em Ensino de Química, Indústria Química, Ética na Ciência, tecnologia e ensino, TCC e Estágio Supervisionado IV (Ensino de Química e Ciências). Acrescido a essas disciplinas, agregam-se 200 horas de atividades de formação complementar.

Percebe-se nessas descrições que mesmo com nomenclaturas diferentes, as matrizes curriculares são calcadas nos mesmos conteúdos. Sendo assim, fica mais um questionamento: se o ensino a distância pretende proporcionar mais liberdade e autonomia aos estudantes, por que a sua matriz foi formulada com base no ensino presencial? Nesse caso, não são sentidas mudanças significativas, pois o foco continua no modelo comunicacional matemático: emissor -> mensagem -> receptor, que trata todos os indivíduos que receberão a mensagem como iguais, não leva em consideração o contexto, a bagagem individual de cada um e nem a leitura de mundo que cada pessoa adquire durante a vida.

4.3 Ouvindo os estudantes do ensino a distância

No total foram realizadas cinco entrevistas, visto que o estudo em foco não está centrado na quantidade de estudantes ouvidos, mas sim na forma e na experiência do ouvir, pois conforme destaca DELEUZE (1996, p. 5):

Se Foucault deu tanta importância às suas entrevistas até o fim da vida, em França e mais ainda no estrangeiro, não foi pelo gosto da entrevista, mas porque as linhas de actualização que traçava exigiam um outro modo de expressão diferente das linhas assimiláveis pelos grandes livros. As entrevistas são diagnósticos.

Apesar de reconhecer o caráter qualitativo das entrevistas, é preciso pontuar que elas limitam o entrevistado ao dito, pois ao se perguntar, ao conversar sobre um assunto, nem todos os entrevistados se permitem explorar suas opiniões e ir além daquilo que ele deseja convencer o entrevistador.

Sendo assim, reconhece-se que as estratégias desse estudo: entrevistas com estudantes do ensino a distância e observação das aulas de metodologia e estágio do ensino presencial são diferentes, mas por outro lado, observa-se que ambas buscaram investigar quais estratégias e potências movem essas formas educacionais.

Comecei o processo das entrevistas com um estudante entusiasta pela Educação a Distância (EaD), com duas graduações, bacharelado em Agronomia e outra em licenciatura em Matemática, Graciliano Ramos falou do principal motivo que o levou a essa forma de ensino: o fator tempo.

Ele afirma que não tinha tempo de frequentar as aulas presenciais, e que, por causa do trabalho, teria dificuldade de acompanhar, por isso ingressou no curso de licenciatura em Química. Essa escolha foi influenciada pelos seus planos pós-aposentadoria, como reitera:

Eu vou aposentar daqui dois anos, e vou colocar aula de reforço, uma sala com ar-condicionado, quadro negro, com todo o conforto. E vou ministrar aulas de Química e Matemática para alunos do Ensino Fundamental. Hoje as pessoas estão vivendo muito tempo, até cem anos, então tem que ter outras atividades.

Graciliano destaca que quem pensa que o curso na forma de ensino a distância é mais fácil, está enganado, pois é necessária muita disciplina e estudo. Ele afirma estudar quatro horas diárias, fora os finais de semana, uma vez que as avaliações são bem complexas e exigem muito dos estudantes. “As provas valem sete pontos, e nada é de marcar. São perguntas dissertativas e cálculos, não é tão fácil como se imagina”. Ele acredita que por essa dificuldade de conciliar o trabalho e os estudos, a taxa de evasão da turma é alta, que iniciou com 50 estudantes e hoje conta com sete alunos.

Quanto à experiência com a EaD, ele se sente preparado para atuar no ensino presencial. E as disciplinas de Estágio e Metodologia são orientadas pelos professores. Quanto ao conhecimento químico, ele não acredita estar tão preparado, mas diz que o importante é correr atrás do conteúdo, buscar vídeos, estudar nos finais de semana e feriados, para fazer um curso bem feito; ele afirma: “querer é poder”.

Em relação à docência, ele destaca que ainda não teve experiência como professor, mas que ele costuma tirar dúvidas dos filhos e colegas em relação às disciplinas de Química e Matemática.

Continuando as entrevistas, conversei com José de Alencar, da mesma turma do entrevistado anterior, está no quinto período de oito, ingressou no primeiro semestre de 2013 e a previsão é concluir o curso no segundo semestre de 2016.

Essa é a terceira graduação iniciada pelo estudante, que antes cursava Direito, mas teve de parar, pois não conseguiu arcar com as mensalidades; depois, iniciou Engenharia Elétrica, mas o curso exigia dedicação integral, e ele não tinha como largar o trabalho, pois sustenta a família.

“Primeiro fator que me influenciou foi a questão financeira, pois o sistema EaD dá a possibilidade de trabalhar e estudar. E ir cursando segundo a minha disponibilidade de tempo, conforme quero”. Ele afirma estudar duas horas por dia, em dias normais, e de três a quatro horas durante períodos de avaliações.

José trabalha como eletricista, e já fez cursos técnicos nas áreas de: Sistemas Elétricos, Motorista e Operador de retroescavadeira. Quanto à experiência com EaD, ele destaca:

É muito diferente um curso a distância, o curso presencial se torna mais fácil, pois você está em contato todo dia com os professores, além dos próprios colegas de aula. Nesse processo, um vai tirando a dúvida do outro, faz grupos de estudos. E a distância, é só você e você mesmo. Então se você não tiver força de vontade, não continua mesmo. Exige mais esforço e disciplina do que o ensino presencial. Às vezes eu tenho que deixar de sair com a minha família, para sentar em frente ao computador e estudar. Então se você não tiver força de vontade, você não acompanha.

Ele destaca que o estudo das disciplinas exatas é muito difícil, e estudar sozinho torna esse processo ainda mais complicado. José afirma que os professores e tutores são ótimos, que o ambiente virtual está sempre disponível. E que, próximo ao período de provas, os colegas se reúnem em grupos de estudos presenciais, ocasião em que eles se ajudam, compartilhando o aprendizado e dirimindo as dúvidas.

O estudante afirma que pretende ser professor, apesar da falta de experiência, e que optou pela Química, por ser uma área com mercado em expansão e com escassez de profissionais. Outro ponto ressaltado por ele é que, nos primeiros períodos, no primeiro contato com o ambiente virtual de aprendizagem, pensou em desistir, pois não tinha com quem tirar suas dúvidas pessoalmente, na hora que a dúvida surgia. José acredita ser esse um dos fatores da evasão da turma, que iniciou com média de 30 alunos. Quando essas entrevistas foram iniciadas, em março de 2015, contava com sete estudantes, e agora possui quatro discentes regulares.

Ao falar sobre a quase desistência, o estudante lembra a importância da família, que supria a carência presencial dos professores e colegas de sala de aula; afirma que se não fosse esse apoio, ele não teria seguido em frente.

Ele informa que, no início do curso, uma dúvida pairava na sua cabeça, se o diploma tinha a mesma validade de um diploma de curso a distância. Hoje ele já entende que os diplomas, seja de um curso presencial, seja de um curso a distância, têm o mesmo valor. Com a experiência no ensino a distância, sua opinião tem mudado, pois ele acredita que quem termina um curso nessa forma de ensino é por merecimento, mais do que tudo.

Em comparação aos cursos presenciais que iniciei, esse curso a distância é muito mais difícil. Temos uma prova com valor sete por semestre, três pontos para trabalhos e apenas uma chance de recuperar com questões dissertativas, e nossa forma de avaliação em comparação com o mesmo curso presencial da instituição é diferente. Ele ainda não cursou a disciplina de estágio, mas afirma que a metodologia foi baseada em dois momentos: aprender a elaborar a aula e realização de seminários ministrados pelos estudantes, sob a orientação presencial do professor.

Quanta à preparação, José vê que as disciplinas preparam o estudante para a sala de aula, pois agregam a teoria à prática. Nesse sentido, ele reitera que pretende ser um professor diferente, trabalhar com teoria e prática, com experimentos. E para isso, ele destaca que aulas nos laboratórios contribuem muito para a formação. Ele destaca que o interesse do aluno faz o curso, pois depende do que ele procura e estuda. E ressalta que quem busca curtidão, um curso nessa forma de ensino não atende às expectativas, pois as bases do curso são: conteúdo e estudo.

Em conformidade com a LDB, mensalmente, o curso oferta encontros presenciais, nos quais os estudantes tiram as suas dúvidas e compartilham experiências.

A próxima entrevista foi bem interessante, pois foi feita com duas estudantes, e o diferencial foi perceber a empolgação de uma e a insegurança da outra, o que leva a perceber a importância da individualização para o ensino a distância, em que o aluno se torna responsável pelo sucesso e/ou fracasso. Situação que tem sido transposta para o ensino presencial, antigamente, quando a maioria dos alunos de

uma turma não obtinha êxito nas avaliações, analisava-se a postura didática e metodológica do professor; hoje, grande parte das instituições, remete essa possível culpa aos alunos. As duas entrevistadas são estudantes do 5º período do curso, com início no primeiro semestre de 2013 e término no segundo semestre de 2016.

A primeira, Clarice Lispector, afirma que optou por essa forma de ensino, em virtude da facilidade, seja para se encontrar como discente, seja para estudar, uma vez que facilita a rotina discente para ela. Já para Cora Coralina, a rotina familiar e a falta de tempo foram pontos fundamentais que a levaram a escolher o curso a distância.

Quanto às graduações anteriores, Clarice é licenciada em Biologia, curso presencial, com especialização em Metodologia do Ensino de Química e Biologia, cursada a distância. Cora não possui graduação e está na sua primeira experiência com o Ensino Superior.

Para Clarice, a experiência a distância tem sido mais proveitosa do que a presencial, pois mesmo que os professores não estejam presentes fisicamente, eles dão mais suporte do que os professores do seu curso presencial, que tinham que dar assistência a quarenta alunos, ao mesmo tempo. No caso das dúvidas e suas resoluções, os professores e tutores estão sempre à disposição para colaborar com os estudantes.

Nesse ponto da entrevista, é importante ressaltar o peso do dito durante o processo das entrevistas, o que despertou a curiosidade da pesquisadora no que diz respeito ao curso de licenciatura a distância, visto que não foi possível cursá-lo durante essa pesquisa, leva-se essa possibilidade para uma futura pesquisa, onde seria possível analisar o não dito. Essa vontade é justificada por se acreditar que no caso das estratégias do ensino a distância o acesso aos materiais e às ferramentas, assim como aos ambientes virtuais de ensino, seria desburocratizado

Clarice e Cora se lembram de uma tutora presencial, formada em Química, que foi personagem principal para que elas seguissem o curso com bons resultados, pois ela tirava dúvidas de todas as disciplinas e sempre se colocava à disposição para esclarecimentos acerca do conteúdo.

Clarice, que já atua como professora, esclarece que já fez muitos cursos de formação de professores a distância e suas experiências foram muito positivas. E escolheu a Química por já atuar na área, mesmo com a formação em Biologia, uma

situação comum nas escolas municipais e estaduais, onde o professor responsável por uma disciplina acaba assumindo outras disciplinas relacionadas a sua formação.

Por outro lado, Cora ressalta que pensava na docência, mas agora, que cursou mais da metade do curso, ela está com dúvidas sobre seu futuro profissional, e não sabe se conseguirá êxito na sala de aula, tendo em vista o conhecimento da realidade dos professores e colegas que já atuam na docência. Ela já trabalha em uma instituição de ensino e afirma que esse fator a incentivou pela escolha da licenciatura em Química.

Segundo Clarice, a experiência com a forma de ensino a distância é nova, pois é mais dedicação do aluno do que tudo, rotina de estudo do aluno; além disso o material do curso é muito bom, bem disposto e de fácil compreensão. A questão que mais implica como ponto negativo é a falta de tempo, “porque como mãe e professora não consigo estipular uma rotina de estudos, estudo quando posso, na maioria das vezes, nas madrugadas”.

Em contrapartida, Cora admite que possui dificuldades de estudar nos momentos que não está no curso, pois se considera muito desfocada. Ela começa a estudar, e acha algo interessante, daí começa a abrir outras páginas e sai do foco. Ela reitera ainda que a ajuda dos colegas tem sido muito importante para sua permanência no curso.

Mesmo que a distância, no caso da turma delas, com encontros presenciais em cidade do Estado do Tocantins, foi criada uma rede de ajuda, por meio da qual os estudantes se ajudam, quando têm dúvidas nas atividades e nos períodos de provas.

Elas destacam que se trata de uma singularidade da turma delas, pois os estudantes das outras turmas são mais competitivos, com o lema “cada um por si”. Clarice afirma que o objetivo deles é que todos que ainda estão no curso se formem; dessa forma, aqueles que têm mais facilidade ajudam os que estão com dificuldades. E essa rede conta com os estudantes de outros polos.

Quanto ao número de alunos frequentes no curso, hoje, são sete estudantes, isso porque foi dada a opção de recomeço a uma desistente. Assim como a turma dos dois entrevistados anteriores, entraram 50 no primeiro semestre de 2013 e hoje a turma conta com sete alunos permanentes.

Em relação à oferta de vagas pelo ensino a distância ser superior às ofertadas pelo ensino presencial, é possível inferir que essa expansão visa atender uma necessidade pontual brasileira que é formar professores para a Educação Básica. Conforme ressalta Lemgruber ([s/d]):

Outro ponto a ser considerado na expansão da educação a distância é a implantação pelo governo federal da Universidade Aberta do Brasil (UAB). Com o compromisso de expandir e interiorizar a oferta de cursos e programas de educação superior no país, foi fixada a meta para 2007 de ofertar 60 mil vagas em todo o país, tanto em cursos de graduação quanto de pós-graduação lato sensu e implantar cerca de 300 polos presenciais. A Secretaria de Educação a Distância do MEC tem a expectativa de que essa forma de ensino contribua significativamente no atendimento da demanda de formação ou capacitação de mais de um milhão de professores para a educação básica.

É possível verificar esse caráter interiorizado do ensino a distância com o objetivo de formação de professores, visto que conforme citado anteriormente, segundo pesquisa feita via o e-SIC ao MEC, atualmente, o Brasil conta com 6.106 cursos de licenciatura ofertados na forma de ensino a distância pela UAB, cursos que vão desde a Física à Educação Física, passando pela Química, Pedagogia, Matemática, dentre outras.

Para corroborar o foco de levar os cursos ao interior do país, verifica-se que dos mais de 6 mil cursos, 2.459 encontram-se na região Nordeste, seguidos por 2.045 na região Sudeste, 882 no Sul, 360 no Centro Oeste e 360 no Norte.

Clarice afirma que um curso a distância tem os seus desafios, mas eles só serão vencidos se o estudante quiser, pois não é só o professor ou a instituição que definem o êxito ou não, o protagonismo discente é incentivado pelos professores e tutores, que falam da importância de estar motivado e seguir em frente e não desistir.

Cora explica que esse apoio é muito importante para permanência, pois eles dão dicas de concursos, de possíveis áreas de atuação, vai além do ensino-aprendizagem.

Quanto à preparação para atuar no Ensino Médio, Clarice volta a afirmar sobre a importância do estudante, que ele precisar buscar novos conhecimentos, não é só esperar do curso. Não é apenas um local, onde você entra e sai preparado, exige muita leitura. Cora esclarece que ela acredita que sairia pronta para a

docência ao entrar no curso, mas percebe que se enganou.

Clarice destaca que o esclarecimento de dúvidas é essencial para aprender formas de passar isso para os futuros alunos, pois, na prática, nem sempre a teoria contribuiu para o exercício docente. Ela afirma que já foi mais vezes no laboratório nesse curso a distância do que no presencial, e isso tem auxiliado a citar exemplos mais práticos, relativos à vida cotidiana. Por isso, ela se sente preparada.

Já Cora por não atuar na docência, ainda se sente insegura, não sabe se está preparada para exercer a atividade de professora.

A conversa se estendeu para outro rumo, que nos levou a falar sobre os mitos e traumas advindos das disciplinas de Química e Física, os quais ocorrem, comumente, não pelo conteúdo em si, mas pela forma como as matérias são apresentadas pelo professor, daí a importância do incentivo e olhar sensível à formação de professores.

Em relação às experiências com a disciplina de metodologia, Clarice afirma que se sente preparada, pois vem lendo muitos artigos. Já Cora se sente mais receosa ao admitir que “foi só isso que ela postou para nós”, referindo aos artigos. Os conteúdos dos artigos diziam respeito aos planos de ensino, ao planejamento de aula, à relação entre professor e aluno, aos problemas em sala de aula, entre outros.

Clarice destaca que é preciso ter um perfil diferente para ministrar aulas no ensino a distância, pois é preciso compreender a questão do tempo da resposta. Mas Clarice lembra que uma das professoras exagera na quantidade de solicitação de exercícios. Nesse momento, Cora diz acreditar que os professores pensam que todos os alunos tiram um período específico do dia para realizar as atividades do curso, mas que, no seu caso, não funciona dessa forma, pois sua disponibilidade depende muito do dia.

Quanto ao estágio, elas ainda não iniciaram esse processo, uma vez que o curso ainda não formou turmas e não possui estudantes que passaram por essa fase.

No que diz respeito à rigidez com os prazos das atividades, Clarice informa que, no início, os professores eram mais presos às datas, mas hoje, como lembrou Cora, com receio de todos os alunos evadirem do curso, eles estão mais maleáveis com relação a isso.

Por fim, a última entrevista foi feita com o estudante Machado de Assis, já

licenciado em Biologia, pela forma de ensino presencial. Ele destaca que os fatores que o levaram a optar pelo ensino a distância foi o tempo. Quanto à rotina de estudo, ele admite que não possui uma rotina diária, estuda mais nos finais de semana ou nas suas folgas do trabalho.

Quanto à experiência com o ensino a distância, ele afirma que esse é seu primeiro contato e acredita que ele tem que melhorar muito, pois para ele o curso deixa muito a desejar na questão administrativa e, por ser um curso de Química, ele esperava mais aulas práticas; ele desabafa que:

Eu confesso que hoje eu sou, gosto do curso, mas estou um pouco frustrado. Não está correspondendo às minhas expectativas. Como eu já dou aula de Química no Ensino Médio, eu queria ter muito essa vivência no laboratório, de aula prática, diversificar minha maneira de dar aula, e até o momento contribuiu muito pouco, até porque a gente vai muito pouco ao laboratório.

Ao desabafar, ele admite que, por já lecionar Química no Ensino Médio, o curso para ele é uma complementação, por isso a frustração, pois com o currículo de Biologia ele já se sentia apto a lecionar nesse nível educacional. Mas ao ingressar no curso que está matriculado, ele esperava agregar mais, ministrar as aulas dele de forma diferenciada. Ele não esperava aprender com vídeos, apenas, pois acredita que não é uma vivência da prática.

Cursando um pouco mais da metade do curso, ele esclarece que a turma já foi umas cinco vezes no laboratório, o que compromete a formação na opinião dele, pois acredita que indo ao campo, eles poderiam ver, visualizar, tocar, aprendendo na prática.

Afirmar sem uma coleta de dados mais específica seria temerário, mas ao verificar a falta da prática, também no ensino a distância, e a transposição de um modelo presencial, começo a questionar os porquês dos altos índices de evasão nas instituições de ensino brasileiras. Como destacado anteriormente, no caso dos dois polos dos entrevistados, o ingresso no primeiro semestre de 2013 foram de 100 estudantes, hoje passado um pouco mais da metade do curso, 14 alunos continuam assíduos e frequentes.

Percebe-se a necessidade de estudar a evasão em todas as formas educacionais, pois assim como o modelo baseado no conteúdo, o ensino a distância

pegou o alto índice de desistentes do ensino presencial. É importante se questionar os motivos desse panorama, pois sem querer desfocar o estudo, hoje o Governo Federal investe muito dinheiro na assistência estudantil para garantir a permanência dos estudantes, é indiscutível o número de bolsas ofertadas, sendo assim, o que impede a permanência desse aluno? Seria o perfil do professor? Ao falar sobre as observações das aulas presenciais, esse tema será abordado.

Ele admite que queria um curso presencial, mas, já que a cidade não oferece esse curso nessa forma educacional e ele não tinha disponibilidade de tempo, acabou ingressando no curso pelo ensino a distância. Machado destaca também que o curso não tem nada de *light*, que é preciso ser muito disciplinado para conseguir acompanhar as aulas e as atividades.

Quanto às suas motivações para o curso, ele admite que foram duas maiores: profissional e social. Profissional, porque ele pretende continuar os estudos e cursar programas de pós-graduação na área para ingressar no Ensino Superior; e social, porque, atualmente, poucos professores que lecionam Química são realmente formados para tal área. Quanto a essa última motivação, ele esclarece ainda que pelo fato de a Química ser uma das disciplinas gargalos da maioria dos estudantes, é preciso estudar mais e buscar novas estratégias para ensinar.

Ele leciona aulas para o 3º ano do Ensino Médio, e este ano, começou a lecionar no 1º, pois recebia muitos alunos frustrados e com dificuldades, visto que muitos professores aceitam lecionar Química, mas não são da área.

Em relação às disciplinas de metodologia e estágio, ele aproveitou boa parte das disciplinas lecionadas no ensino presencial. Quanto ao estágio em Química, ele está tentando aproveitar sua prática docente junto à coordenação do curso. No ensino presencial, ele cursou 420 horas de estágio.

Já ao falar do preparo em relação ao conhecimento químico, ele acredita que o curso prepara parcialmente. Ele admite que se pergunta como será o destino docente de alguns professores, pois quem tem base até pode até se preparar, mas e quanto aqueles que não têm base? Por fim, ele afirma acreditar que o professor precisa ser diferenciado, se for para ser comum, já existem muitos; por isso, ele não espera que o curso forme professores diferentes dos que já existem nas salas de aula do cotidiano.

As entrevistas abriram, muito além dos meus olhos, abriram meus ouvidos a

uma escuta mais delicada e atenta para o lugar de quem está falando. Nessa pesquisa, o grande aprendizado foi perceber que não existe uma relação binária, um dualismo, uma divisão entre ensino presencial e ensino a distância, mas sim existem docentes que proporcionam encontros diferentes. Afirmar que um curso feito em sala de aula presencial ou via ambiente virtual de aprendizagem é pior ou melhor do que aquele é corroborar com o processo de cegueira da atualidade, que insiste em rotular tudo e a todos.

4.4 Diários das aulas do ensino presencial

Adotar os diários como metodologia ou como subsídios para esse detalhamento aconteceu naturalmente após a escrita deles. E como eles surgiram? Ao acompanhar as aulas de Metodologia do Ensino de Ciências do curso de Licenciatura em Química de uma instituição do Sul do Brasil, comecei a perceber e sentir diferenças entre o ensinar estando presente e o ensinar ausente estando no mesmo território.

Não faz parte dessa pesquisa e nem foi o intuito do estudo, mas analisando minha trajetória discente, tenho sentido os docentes cada vez mais distantes do estudante, às vezes, o distanciamento nem é proposital, mas sim consequência de uma realidade a qual o sujeito professor está inserido. Seja por excesso de carga horária, por desvalorização salarial ou por ter “caído de paraquedas” na profissão, enfim, são várias as hipóteses que podem orientar um estudo no futuro.

Voltando aos diários, ao perceber esse olhar diferente, comecei a registrar diariamente as minhas impressões e sensações. Como funcionou? Ao chegar em casa, abria meu netbook e escrevia o que mais tinha me chamado atenção naquela aula, como foi o comportamento dos alunos, de que maneira eles planejavam suas aulas e como a turma interagia nessa dinâmica.

26/9/2013

Nada melhor do que falar sobre metodologia do ensino do que mostrando aos alunos como eles podem ter suas próprias metodologias por meio dos seus dispositivos didáticos, mostrando, além disso, que essa superlativação do ofício de mestre, por muitas vezes, acaba desconstruindo o professor, a vontade de se mover,

que cada um tem dentro de si.

A primeira aula dos alunos de Metodologia do Ensino de Ciências do curso de Licenciatura em Química de uma instituição do Sul do Brasil que acompanhei foi iniciada com o tema: “Onde está o amido?”, na qual a estudante Tarsila do Amaral me deixou com vontade de ser ela. Quis ser uma professora assim e ao mesmo tempo ter tido uma professora assim lá no meu Ensino Fundamental. Ela não veio com o intuito de fazer uma aula show, mas sim procurou exemplificar o que dizia, contextualizando com exemplos utilizando materiais do cotidiano, como o uso de clipes de papel para falar sobre a junção das moléculas de açúcar, uma estratégia simples de ser feita, a meu ver.

O clímax da aula foi a testagem dos alimentos com uma solução de água e amido para identificar onde continha ou não amido. A estratégia de amostragem não foi tão elaborada para o número dos alunos, mas se percebe que com seu aperfeiçoamento funcionará muito bem em sala de aula, uma vez que mexe com a curiosidade e a vontade de conhecer dos alunos. É um paralelo muito bom entre teoria e prática, porque ela utilizou alimentos do cotidiano, como batata e ovo.

Registro aqui que, mesmo nervosa, a aluna conseguiu ser muito desenvolta e cumprir com o plano que tinha proposto, isso ficou de aprendizado para mim.

Durante a aula ela explicou como o açúcar se transforma em glicose, como esta se transforma em gordura e energia para nós, seres humanos. Vejo nessas aulas uma boa oportunidade de partilhar com os alunos, visto que ensinar perpassa o objetivo da transmissão de conteúdo, e passa a ser um processo mesmo. Fiquei me perguntando como sentir algumas sensações desta aula no ambiente virtual de aprendizagem. Ficou a pergunta!

Depois foi a vez da Marysia Portinari, que planejou um estudo sobre a atmosfera. Sei que fazer qualquer análise após a aula da Tarsila do Amaral implicaria uma comparação desnecessária para o momento; por isso, tentarei me ater à aula da Marysia Portinari. Ela trouxe um resumo impresso, que demonstrava seu esforço em explicar quais as camadas da atmosfera, mas tanto o texto quanto o desenho estavam desconexos, algumas informações se chocavam com o que ela falava.

Aqui, abro um parêntese, e sem querer fazer o jogo do contente, que está sempre feliz sem levar em consideração as circunstâncias, creio que a aula dela foi influenciada pelo seu nervosismo, visto que ela estava muito tensa com aula.

O experimento que ela preparou para mostrar que em tudo existe ar era simples e bem viável, mas a estratégia de amostragem não funcionou.

Essa é uma aula que precisava de imagens, não necessariamente desenhos, mas imagens e exemplos. E isso ficou a desejar. Não senti muito a diferença entre essa aula e uma na forma de ensino a distância. “Os alunos fingiram que aprenderam, e a professora fingiu que ensinou”.

Por fim, a aula terminou com o estudo proposto pela estudante Beatriz Dutra, que abordou sobre o ciclo da água. Ela criou uma estratégia legal em renomear fases do ciclo com nomes mais usuais, de tentar aproximar a questão da chuva e da evaporação com o dia a dia e problemas sobre o uso inconsciente da água.

Mas aqui percebi que a insegurança ou medo da aluna impediu o desenvolvimento de um plano de estudo; ficou mais na questão da transmissão de conteúdo e nas futuras possibilidades de experimentos. A aula não evoluiu, porque ela não trouxe formas de aplicar o que ela estava dizendo, ficou muito na teoria, e o assunto possibilitava muitas exemplificações e experiências com o dia a dia.

3/10/2013

Dia novo, novas expectativas, aqui me vejo re-conhecendo as Ciências, visto que essa nossa formação voltada para a qualificação e especialidades, por várias vezes nos afasta de estudos que não interessam para a tal vida profissional. Nesse sentido, em alguns dias, sinto-me uma criança sentada na cadeira em uma sala de aula, gosto disso.

Hoje a primeira aula foi sobre a luz e o olho humano, ministrada pela aluna Anita Malfatti, nesse dia comecei a gravar as aulas, mesmo com a permissão dela, fiquei receosa da câmera intimidá-la. E num primeiro momento, isso aconteceu mesmo, mas aos poucos ela foi se familiarizando com a câmera e conseguiu interagir bem com a turma, mesmo comigo filmando.

Quando ela começou a fala do sobre o olho humano, inevitavelmente, eu me vi na época do Ensino Fundamental, e comecei a comparar, mas logo vi a necessidade de interromper esse processo de comparação, pois foi exatamente essa vontade de conhecer algo novo, que me moveu para essa pesquisa. E nesse sentido, as sensações foram chegando, percebi o quão diferente é você assistir e vivenciar aquilo à que assistiu.

Para esse entendimento, a aula descrita foi muito marcante para mim, porque desde o início, quando comecei a acompanhar as aulas, esta foi a primeira vez que teve uma atividade fora da sala de aula. O processo para realização da experiência foi muito intempestivo; pelo receio do tempo não ser suficiente, acredito eu, os alunos saíram muito rápido da sala e nem escutaram as orientações direito.

Ao chegar ao pátio da instituição, a estudante, ora professora, solicitou que os colegas formassem duas filas e observassem um ponto específico, no caso, um carro. Para explicar os efeitos da luz sobre o olhar do homem, ela trouxe uma espécie de filtro, que consistia numa folha de papel manteiga fixada numa moldura de cartolina. À frente do filtro, era segurada uma lente de aumento e, conforme se variava a distância entre o filtro e a lente, se poderia ver a imagem do carro projetada na tela de papel vegetal, ora em foco, ora fora de foco, de acordo com a distância entre esses dois elementos.

Cada aluno observava o carro pelo filtro e narrava o resultado da sua observação, então o primeiro da fila visualizou e já saiu falando: “Olha! O carro está de cabeça para baixo!” Daí em diante, todos, isso mesmo, todos afirmaram ter visto o tal carro. Havia um clima de excitação, todos estavam muito animados. Anita havia conduzido muito bem a saída e se mostrava satisfeita com o resultado da experiência.

Ao retornar à sala de aula, ela continuou com a explicação no quadro branco, e respondendo aos questionamentos, em tempo real, aqui faço um parêntese, e vejo que a questão do tempo da resposta é uma das barreiras a ser superada pela Educação a Distância (EaD). Situação descrita pelos estudantes do ensino a distância entrevistados nesta pesquisa, pois eles descreveram que a aflição em aguardar as respostas os desmotivam ou os levam a buscar as respostas em outras fontes ou com os próprios colegas de curso.

Ainda dando prosseguimento à aula, Anita propôs outra experiência. Ao apagar e acender as luzes, ela solicitou aos presentes que anotassem suas observações acerca dos efeitos que o claro e o escuro proporcionavam aos olhos deles. Além disso, foi solicitado que observassem um objeto específico. Ao acender a luz, cada estudante precisou preencher um formulário com as suas experiências e sensações em relação à falta e à presença de luz. Essa interação coletiva imediata também é possível via EaD, mas depende, dentre outros fatores, de condições

tecnológicas e disponibilidade simultânea dos envolvidos.

Após o término da exposição da estudante-professora, o professor solicitou aos demais que apontassem os pontos positivos e negativos das estratégias adotadas naquela aula. As respostas foram unânimes, todos gostaram muito da aula, parabenizaram a criatividade e experimentação da aluna.

Porém, eles não contavam com a astúcia do professor regente da disciplina, que, durante a primeira experiência, fora da sala de aula, permaneceu o tempo todo atento a cada detalhe dos procedimentos adotados por Anita e, entre muitas observações, não lhe escapou um comentário lateral em que uma das estudantes disse para a outra: “eu não vi nada, cadê esse carro de cabeça para baixo?”. E então ele questionou a essa estudante o porquê de ela não ter narrado essa dificuldade, já que isso auxiliaria sua colega a mudar seu procedimento e a planejar as suas futuras aulas, quando ela iniciar-se na docência.

Sem graça, a aluna não soube responder de imediato, mas depois disse que como todos estavam afirmando ter visto o carro, ela ficou com vergonha de assumir que não tinha visto. Aqui chegamos a um ponto que considero nevrálgico em qualquer processo de ensino-aprendizagem, ainda mais via EaD: as expectativas.

Por muitas vezes, o aluno tem medo de frustrar as expectativas do professor e dos colegas a respeito dele mesmo, e acaba fingindo que aprendeu, e esse ciclo que se inicia nas séries iniciais se perpetua nos diferentes níveis e forma de ensinamentos de ensino. E para romper essa cadeia, é preciso muita sensibilidade de todos os envolvidos nesse processo, porque não saber e, por conseguinte, questionar devem ser vistos como pontos positivos, pois demonstram a personalidade e a singularidade do sujeito, não devendo, pois, ser um fator de exclusão ou repressão.

Por fim, essa aula me fez refletir que “nem tudo que parece é” e que não existe unanimidade quando se trata de saber, pois, em um primeiro momento, eu acreditava que todos tinham compreendido o que a aluna havia exposto e experimentado durante aquele momento. Mas eu estava enganada, pois, depois que uma pessoa admitiu não ter entendido a experiência, outras declararam a mesma situação, o que me fez refletir sobre o ser docente, que não é algo posto, pronto e quantificado, já que esse profissional lida com pessoas tão diferentes e únicas.

Nessa primeira análise é possível se indagar sobre o não dito, uma vez que o papel, ou seja, o relatório, aceita o que o emissor deseja que o receptor acredite e

nem sempre são suas reais sensações e/ou experiências. Sendo assim, o dito não traduz o que está além do discurso, por isso a presença no mesmo local traz algumas vantagens no que diz respeito ao acompanhamento dos estudantes em formação.

Logo após, foi a vez de Pablo Picasso, que planejou um estudo sobre solos. Nesse momento tive outra surpresa. Como o aluno utilizou bem o datashow, ele criou uma estratégia entre as imagens projetadas e o quadro branco que funcionou muito bem.

Ao falar sobre os diferentes tipos de solos, ele ia mostrando as imagens e citando as causas dos fenômenos de cada tipo explicado. Ele tinha uma didática própria quanto ao uso do equipamento, e, por ser uma aula bem imagética, chamou a atenção dos colegas presentes.

Mas ficou uma questão para mim, no que diz respeito às tecnologias, nem todos manuseiam bem os equipamentos e/ou não conhecem boas fontes para buscar materiais. Tanto que algumas imagens de solos se confundiam com as outras e, ao ser questionado, o estudante-professor não soube explicar a diferença de um para o outro.

A aula não conteve experimentos, mas vejo como um momento a ser destacada, uma atividade vista como simples, mas que movimentou bem a turma: ele selecionou as imagens de alguns solos e não solos, e perguntava se era solo ou não. A turma interagiu bem nesse momento, e, quando as dúvidas surgiam, eles conversavam, a questão que foi ao surgir as dúvidas quanto a identificação dos solos, algumas vezes, o estudante-professor não soube explicar porque tal solo era aquele e não outro.

Nesse momento, eu vi uma dinâmica diferente, que pode ser trazida para sala de aula, demonstrando uma forma de utilizar o aparelho de data show com suas potencialidades e não apenas como um novo quadro branco. Porém, percebi que ao trabalhar com imagens reais, com exemplos tirados do cotidiano, a segurança deve ser bem maior, porque as dúvidas são inerentes ao processo e se você tiver esclarecido os porquês consigo mesmo, não conseguirá passar aos estudantes.

24/10/2013

Hoje foi um dia atípico e interessante durante esta Docência Orientada, uma

vez que em função da viagem do professor regente da turma, fiquei responsável por “ministrar” a aula. Como ainda me sinto muito despreparada nesse papel, propus uma conversa.

Durante praticamente uma hora e meia conversamos sobre as possibilidades de (in) formação no ensino a distância. Expus para a turma as minhas angústias e pensamentos sobre o tema e alguns deles se mostraram muito interessados e preocupados com a temática.

Uma aluna depôs sobre sua experiência com o EaD, disse que fez um curso, mas que na época ficou mais preocupada em analisar o funcionamento da lousa digital, do que com o próprio curso. E que por ela não conseguir personificar quem seria o professor, não gostava muito desse tipo de curso.

Além disso, essa mesma aluna narrou um acontecimento que vivenciou. Ela contou que sua vizinha tem um filho que cursa Direito na forma de ensino a distância, e que um dia a vizinha lhe pediu ajuda para responder aos fóruns de uma disciplina, pois o filho viajara. Então, elas entraram no ambiente virtual de aprendizagem do referido curso e, conforme os outros estudantes iam postando suas considerações, elas respondiam, fazendo às vezes do acadêmico.

Outra consideração surgiu após a apresentação de uma vídeo-aula do telecurso 2000 sobre o olho humano e a luz. Os alunos traçaram um paralelo com a apresentação do plano de estudo da aluna Anita Malfatti. Após discussões, aqueles que estavam presentes argumentaram que a aula do telecurso não conseguiu dar conta do funcionamento do olho, nem da luz, e que a aula era muito sintetizada.

Consideraram também que, por mais que você veja a filmagem de um experimento, não é a mesma coisa que vivenciar o experimento, pois ao presenciar você tem outra reação, você se relaciona direto com a coisa estudada.

Ademais, eles demonstraram a preocupação com a formação de professores a distância, visto que as instituições que ofertam esse tipo de curso estão em expansão, e algumas áreas, como a Química, não oferecem um entendimento claro de como são vivenciadas a teoria e a prática.

Ao serem questionados sobre a possibilidade da aula de Didática a distância, eles falaram sobre a impossibilidade de certas interações e experiências nessa forma de ensino, e declararam não visualizar como a aula ministrada a eles no ensino presencial poderia ser realizada a distância.

Retomando ao perfil do professor citado anteriormente, é possível ir além das formas educacionais, é preciso pensar em casa professor como único e mediador dessas interações, seja a distância ou presencial. Ao lembrar-se de uma situação constrangedora durante o acompanhamento de uma aula de estágio presencial, surgem dúvidas de como o aluno teria reagido ao constrangimento se não fosse a maneira sensível com que o professor orientador levou a questão,

Ao ficar responsável por estagiar em turma de 9º ano, Romero Brito, começou a se questionar de que forma abordaria o tema sexualidade para adolescentes, que estavam na fase da ebulição dos hormônios e das brincadeiras jocosas relativas ao assunto. Só de falar do tema, seu rosto ficava vermelho, ao perceber o constrangimento do aluno, o professor regente da disciplina começou a ressaltar a importância de se passar o assunto sexualidade com seriedade e totalidade, visto que muitos professores banalizam a temática ou se omitem do seu papel de formador e mediador de opinião.

Após várias aulas e apresentações dos colegas que estagiavam em outras turmas, chegou o dia da aula de Romero Brito. Mesmo que com o rosto vermelho, ele desenvolveu uma estratégia de apresentação que mostrou os aparelhos reprodutivos, a fecundação, os zigotos, enfim a temática com que se propôs, com uma maestria que todos os colegas o aplaudiram euforicamente.

Ele admitiu se sentir envergonhado no início, mas declarou que ao observar a curiosidade, a necessidade e a precocidade dos seus alunos, viu-se no papel de propor uma estratégia com potências extra sala de aula, pois os adolescentes precisavam estar conscientes de como a reprodução funciona.

É preciso abrir um parêntese aqui para destacar como as crianças e adolescentes estão ficando marginalizados no que diz respeito ao ensino da sexualidade, é uma área permeada por clichês e frases prontas. Com as novas constituições de família, discussões de gênero, o professor não pode se omitir de abordar isso em sala de aula. Até onde a omissão do conteúdo e transmissão superficial serão adotadas como estratégias de alheamento do alunado em relação ao mundo no qual vive.

Aqui chega uma questão pontual dessa pesquisa, como perceber o não dito no ensino a distância, se às vezes nem no ensino presencial ele é notado. Como fica o tímido? O quieto? O constrangido? Se em grande parte das instituições, o ensino

hoje, está baseado no dito.

Ao lembrar a frustração de José de Alencar de não se sentir preparado para se tornar o professor diferenciado que almejava, analisa-se que as expectativas nem sempre garantirão uma forma de ensino voltada ao olhar e à escuta sensíveis. Verifica-se a necessidade dos cursos de formação inicial de professores se atentarem para isso, é preciso tirar o foco do currículo e da avaliação e voltar-se para o professor.

5 CONSIDERAÇÕES (AINDA) TRANSITÓRIAS

Dissertar, muitas vezes, faz lembrar um deserto, onde uma pessoa caminha só em busca de água; no caso da dissertação, em busca de problematizar. O processo de problematizar um tema não deve ser feito como um simples objetivo, talvez aí resida a mágica da verdadeira pesquisa. O sujeito, como ser pesquisador, precisa estar atento à sua volta, ao silêncio e ao ruído, à resposta e à pergunta, ele deve ser generoso consigo mesmo.

Problematizar a presença não é uma tarefa fácil, porque estar presente exige corpo, exige contato, exige movimento e exige encontro. Nesse intuito, percebe-se a dificuldade em encontrar referências que auxiliem o trabalho, pois muitas das pesquisas estão focadas nas metodologias e materiais produzidos pelas diferentes formas de ensinos. É hora de questionar o como fazer, sair dos para quês. É necessário pensar no processo, para além do objetivo.

Durante o processo de investigação, não consegui responder e investigar sobre a presença, talvez porque ela esteja numa fase além do meu entendimento. Por ser simples e cotidiana, ela não tem tido seu significado reconhecido, estar presente, em tempos de sociedade mais do que líquida, quase gasosa; tem sido banalizado. Ainda espero conseguir abordar a presença como experiência e sensibilidade.

Quando Gumbrecht (2010) atenta para a diferença entre a produção de sentido e a produção de presença, ele fala que a área das Humanidades é caracterizada pela interpretação, ou seja, a produção de sentido. Ele não hierarquiza uma em relação a outra, mas destaca que “[...] em um nível primário, os efeitos da presença têm sido tão completamente banidos que até agora regressam sob a forma de um intenso desejo de presença – reforçado ou até iniciado por muitos dos nossos meios de comunicação contemporâneos” (GUMBRECHT, 2010, p. 42).

É necessário analisar os porquês e os para quês do *boom* do ensino a distância, uma vez que nem sempre a intenção da expansão está calcada no acesso disponível a todos, mas sim em um atendimento à sociedade de consumo. Dessa forma, é preciso rever os interesses e investigar até que sentido o foco está na inclusão dos excluídos e no aumento do leque de oportunidades.

A potência do indivíduo tem sido limitada à conclusão de cursos formais, você vale pelo que é diplomado. Não é questão de ignorar a importância desses currículos e cursos, mas urge a necessidade de se reconhecer os saberes e competências desvinculados dessa formação, pois a pessoa tem de ser avaliada pelo seu conhecimento, visto que nem sempre um diploma é sinônimo de saber.

Indo além da forma educacional, persiste uma dúvida: por que o modelo matemático da comunicação atende tão bem à educação? Continuarei na busca pelas respostas, digo respostas, porque vários fatores influenciaram e influenciam essa educação baseada no conteúdo. Tanto é que por mais que o ensino a distância seja vestido com uma nova roupa e maquiagem, em termos técnicos: plataforma, ele não deixa de trazer consigo elementos do ensino presencial, dentre eles o cerne da estratégia da escola militarizada: transmissão de conteúdo e controle.

Na verdade, indo um pouco além, atrevo-me a dizer que no que diz respeito à transmissão de conteúdo, as novas tecnologias dão conta disso melhor que o próprio professor, pois possuem recursos indiscutíveis, tais como: vídeos, fóruns e buscas otimizadas de conteúdo. Por isso, é importante resgatar o papel do professor como mestre, mas não aquele que impõe e transmite, mas o que intermedeia e orienta.

Sendo assim, a presença para aquele se faz presente, continua sendo o grande diferencial do docente, mas como passar isso para os futuros professores? Como alertá-los para a importância de estar presente? São algumas das respostas que precisaremos respondê-las juntos. E aqui reitero que é preciso rever esse papel do professor não apenas na formação a distância, mas também na presencial.

Por fim, preciso descrever, mesmo que sucintamente, o que essa pesquisa fez comigo, ela me moveu de um lugar do preconceito para um olhar mais atento. Claro que algumas ressalvas em relação à EaD continuam, especialmente no que diz respeito à formação de professores, mas preciso admitir que vi casos, nos quais se não fosse essa forma de ensino, a pessoa não iria conseguir potencializar seus encontros. Sendo assim, espero que a partir de agora, eu possa compreender e suscitar uma reflexão sobre o problema que é rotular as coisas antes de conhecê-las.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

BRASIL. **Decreto nº 5.622**, de 19 de dezembro de 2005. Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 20 de jan. 2015.

BRASIL. **LDB. Lei 9394/96**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 25 de set. 2013.

BRASIL. **Manual de Educomunicação** – Apoio às Atividades da II Conferência Nacional Infantojuvenil pelo Meio Ambiente. Apresenta aspectos conceituais e metodológicos da educomunicação, aplicados ao contexto da conferência.

Disponível em:

<http://cgsi.mec.gov.br:8080/conferenciainfanto/MANUAL_DE_EDUCOMUNICACAO_final_rev.pdf> Acesso em: 23 set. de 2013.

CLASTRES, Pierre. **Arqueologia da violência** – pesquisas de antropologia política; tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cozac & Naify, 2004.

CORRÊA, Guilherme Carlos. **Educação, Comunicação, Anarquia**: procedências da sociedade de controle no Brasil. São Paulo: Cortez, 2006.

CÔRREA, Guilherme Carlos; PREVE, Ana Maria. **A Educação e a Maquinaria**

Escolar: produção de subjetividades, biopolítica e fugas. In: REU, Sorocaba, SP, v. 37, n. 2, p. 181-202, dez. 2011. Disponível em:

<<http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php?journal=reu&page=article&op=view&path%5B%5D=652&path%5B%5D=635>> Acesso em 2 de fev. de 2015.

CORRÊA, Guilherme Carlos. O que é a escola? In: Pey, Maria Oly (Org.) et al.

Esboço para uma história da escola no Brasil: algumas reflexões libertárias. Rio de Janeiro: Achiamé, 2000, p. 51-84.

DELEUZE, Gilles. **O Ato de Criação**. Publicado pelo Jornal Folha de São Paulo em 27/06/1999, trad. José Marcos Macedo. Disponível em:

<<http://pt.scribd.com/doc/31368158/Gilles-Deleuze-O-ato-de-Criacao>> Acesso em: 12 de out. de 2013. Palestra de Deleuze de 1987.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é Filosofia?** São Paulo -SP: Editora 34 Ltda, 1992.

DELEUZE, Gilles. **O que é um dispositivo.** In: O mistério de Ariana. Ed. Veja – *Passagens*. Lisboa, 1996. Tradução e prefácio de Edmundo Cordeiro.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: Duarte, Jorge et al. **Métodos e Técnicas de pesquisa em comunicação.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 2005. Cap. 04, p. 62-82.

FARIA, Lia Ciomar. Desafios da modernidade: imaginário social e Educação. In: FIGUEIREDO, Vera Follain et al. **Mídia & Educação.** Rio de Janeiro: Gryphus, 1999, p. 97-8.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

FOLHA ON LINE. **Google cresce e aglutina 63% das buscas nos EUA.**

Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u446771.shtml>>. Acesso em: 16 set. de 2008.

GIOLO, Jaime. **A Educação a Distância e a formação de professores.** In: Educ. Soc., Campinas, vol. 29, n. 105, p. 1211-1234, set./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 20 jan. de 2015.

GUIMARÃES-IOSIF, Ranilce. **Educação, pobreza e desigualdade no Brasil:** impedimentos para a cidadania global emancipada. Brasília: Líber Livro, 2009.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **1948 – Produção de Presença:** o que o sentido não consegue transmitir. Tradução Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2010.

KELEMAN, Stanley. **Mito e corpo:** uma conversa com Joseph Campbell. Tradução Denise Maria Bolanho. São Paulo: Summus, 2001.

LEMGRUBER, Márcio Silveira. **Educação a Distância: para além dos caixas eletrônicos**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/conferencia/documentos/marcio_lemgruber.pdf> Acesso em: 30 de abr. de 2015.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LÉVY, Pierre. **O Universal sem Totalidade, Essência da Cybercultura**. Disponível em: <<http://www.caosmose.net/pierreuniversalsem.html>> Acesso em: 12 de out. de 2013.

LIMA, Lauro de Oliveira. **Estórias da Educação no Brasil: de Pombal a Passarinho**. Rio de Janeiro: Editora Brasília, 1975.

OMENA, Adriana Cristina. **A digitalização da TV no Brasil: A opinião pública da sociedade civil organizada acerca do sistema brasileiro de TV digital - SBTVD**. 2006. 494f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. 2006.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil (1930/1973)**. 34ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

ROSINI, Alessandro Marco. **A Educação e o Mito do Ensino a Distância no Brasil**. Disponível em: <<http://www.ipv.pt/millennium/Millennium29/10.pdf>> Acesso em: 12 de out. de 2013.

SANTOS, Laymert Garcia dos. **Desregulagens: Educação, Planejamento e Tecnologia como Ferramenta Social**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

YAMAOKA, Eloi. O uso da Internet. In: Duarte, Jorge et al. **Métodos e Técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2005. Cap. 09, p. 146-163.

APÊNDICES

Apêndice A – Roteiro de entrevista



Universidade Federal de Santa Maria Centro de Educação – CE/UFSM Programa de Pós-Graduação em Educação Mestrado em Educação

Roteiro de entrevista com os estudantes do curso de licenciatura em Química na forma de ensino a distância.

- 1 – Curso?
- 2 – Período que está cursando?
- 3 – Início do curso?
- 4 – Qual a previsão de término do curso?
- 5 – Quais fatores influenciaram e/ou levaram você a optar por um curso na forma de ensino a distância?
- 6 – Você já fez algum outro curso nessa forma de ensino? Caso sim, qual?
- 7 – Como é para você aprender em um curso na forma de ensino a distância, visto que sua trajetória até hoje foi na forma de ensino presencial?
- 8 – Como você avalia sua preparação para atuar no ensino presencial?
- 9 – Você se sente preparado?
- 10 – Para você, as disciplinas de metodologia e estágio lhe proporcionam bases para atuar em uma sala de aula?
- 11 – Quanto tempo dura seu estágio?
- 12 – No que diz respeito ao conhecimento químico, você acredita que as disciplinas do curso lhe preparam para ensinar?

Apêndice B – Transcrições das Entrevistas

Universidade Federal de Santa Maria
 Centro de Educação – CE/UFSM
 Programa de Pós-Graduação em Educação
 Mestrado em Educação

ENTREVISTA COM GRACILIANO RAMOS

Perguntas	Respostas
Quais fatores te pensaram a você optar por um curso na modalidade a distância?	Eu já era formado em agronomia né, já tinha vocação, sabia um pouco da química né e já sabia que na UFT que era um curso muito bom[...] aa gente também estuda quatro horas por dia, das 08 todo dia, das 08 às 12 tá.
Você tem conseguido todo dia acessar o moodle de manhã?	A noite [...] sábado eu pego o dia todo, domingo também tá. Estudando direto [...] aí para dar conta.
As disciplinas elas tem as apostilas?	Tem tudo material no moodle. Todo material e tem material também que complementa com os estudos com os vídeos, muito na internet [...] muito confiável, tem tudo que você queira aqui qualquer disciplina do professor.
Eles te passam ou você que vai atrás?	Eu vou atrás de tudo. Coloco o vídeo de química orgânica com professores ao vivo ai já vou [...] tiro uma hora, duas horas, quatro horas direto.
E as provas como são?	As provas com os professores de Gurupi, eles fazem a prova na gente. Aí se ficou de recuperação, tem outra chance, outro sábado. No sábado é a prova a nota é 7,00. A prova vale 5,00 [...] vale 7,00 a prova e 3% é com trabalho e atividades no moodle.
E essa prova é só de marcar?	Não, não tem nada de marcar. Tudo é de resolver.
Até cálculo?	Se vira nos 30.
Cálculo, pergunta tudo a respeito da disciplina?	Muito mais química do que [...] né.
No caso vocês vão tá graduado agronomia e tem outra licenciatura [...]	Matemática[...] matemática a distância pela UNITINS.
Você chegou a lecionar matemática também?	Leciono matemática pro meu filho, ensinei os colegas dele, em casa né [...]

<i>E você tem planos para esse curso depois [...] no futuro qual é o seu plano é de trabalhar em sala de aula.</i>	<i>Vou aposentar daqui a dois anos, aí vou colocar aula de reforço com sala com ar condicionado, quadro negro, todo conforto. Ministrando aula pros alunos, ensino fundamental de química e matemática.</i>
<i>Então já é um plano pra [...]</i>	<i>Já tinha feito para quando aposentasse [...] as pessoas estão vivendo muito tempo nessa vida, então tenho que ter outras atividades.</i>
<i>E como foi pra você assim, o primeiro contato com o curso a distância, já que assim a sua outra graduação foi presencial, o ensino médio foi presencial, como foi esse contato?</i>	<i>Eu vi na TV, no jornal do Tocantins, aqui em Palmas que a Universidade estava escrevendo pra concurso de vestibular pra biologia, química, física, matemática, em toda região do Tocantins Palmas, Gurupi, Arraias, Araguaína e me escrevi [...] me interessei.</i>
<i>E pra você foi diferente assim, o primeiro momento ou não?</i>	<i>Como assim?</i>
<i>Porque assim, a gente está acostumado a ir para faculdade, para escola todo dia, aquele horário, ai senta e fica lá com o professor e na distância você que faz o seu horário né?</i>	<i>Não, eu tinha tempo que eu trabalho de segunda a sexta, sábado tô livre [...] eu foco minha programação aqui no trabalho, às vezes viajo a serviços e os colegas fazem assim, vamos colocar o trabalho nosso aqui de segunda a sexta, porque o Graciliano tem aula no sábado.</i>
<i>Você já tinha uma certa disciplina no caso, porque o ensino a distância exige uma disciplina maior né, porque depende de você.</i>	<i>Eu quando viajo, eu já levo o material todinho, as apostilas às vezes compro livro pra poder acompanhar,</i>
<i>Então todo dia quatro horas por dia?</i>	<i>No mínimo, porque se os colegas que evadiram tudinho que não conseguiram, muitos trabalhavam, não tinham tempo, quando chegava lá ia fazer as provas e não conseguia tirar nota[...] caíram fora, porque não estavam estudando e é diferente de outras universidades dos cursos a distância. Até 50% dos cursos a distância do Brasil são muitos, tem cursos muito bons chegando aí, aí depende do aluno também, mas a evasão sempre é grande. Ele quer da conta pensando que é um dia da semana não é assim não, tem que ser todo dia. Eu tô muito melhor na química do que na agronomia, na agricultura. Eu</i>

	<i>aprendi muito mais química agora do que naquele tempo [...] eu não tinha uma noção.</i>
<i>Então você avalia que você está preparado para atuar nesse presencial né.</i>	<i>Sim até fazer concurso público aí, quando terminar aí, fazer até parte de uma escola.</i>
<i>Pra você as disciplinas de metodologia de estágio proporcionam bases para atuar na sala de aula?</i>	<i>Com certeza, principalmente eu que já fiz matemática 120 horas, 360 horas em sala de aula. Os professores acompanhando direitinho a gente vê o dia a dia, observa o professor dando aula, ministrando aula e a gente também [...] a gente vai lá na frente, cada um o professor escolhe, química orgânica [...] explicar direitinho.</i>
<i>Você já começou a dar aula?</i>	<i>Só que dessa vez eu já vou dar [...] eu já aproveitei em matemática viu[...] não tem muita diferença matemática para química.</i>
<i>Tanto que geralmente um professor que pega química, física, matemática.</i>	<i>A gente aprende muito em sala de aula, nos primeiros a gente fica nervoso, tem aluno que tá nervoso, mas você vai se interagindo [...] domina o assunto e vai embora.</i>
<i>E desses 7 a maioria deve ser formado né?</i>	<i>Desses aí, um é formado em biologia, eu sou em agronomia, um em matemática, um é formado em serviço social, tem outro formado em [...] 99% no superior.</i>
<i>O que diz a respeito ao conhecimento químico, você acredita que as disciplinas do curso te preparam para ensinar?</i>	<i>Ele realmente não preparam, mas você tem que se virar nos 30, tem que buscar o vídeo no computador, correr atrás no fim de semana[...] tem que se virar [...] domingo, sábado, feriado e aí você busca o ideal para fazer um curso bem feito.</i>
<i>E que hoje o aluno tá diferente também né, o aluno parece que se distrai mais, tá mais difícil de ensinar.</i>	<i>Mas poder é querer.</i>

ENTREVISTA COM JOSÉ DE ALENCAR

Perguntas	Respostas
<i>Você está no 5º período?</i>	<i>5º período</i>
<i>Iniciou em 2013?</i>	<i>Na verdade, nosso curso, nós começamos em 2012 na metade do ano quando teve vestibular, aí teve uns três meses tipo assim de preparação para o curso. O curso começou em 2013[...] 3 meses para dar uma olhada no conteúdo, para ver a matemática, muita matemática né[...] para depois começar em 2013.</i>
<i>A previsão é que você termine então ano que vem?</i>	<i>Ano que vem[...] isso</i>
<i>No primeiro semestre ou no segundo.</i>	<i>Olha não[...] nós não sabemos, bem certeza se realmente é no segundo semestre.</i>
<i>2016/2. Quais foram os fatores que influenciaram o Sr. a escolher um curso a distância?</i>	<i>Oh! O primeiro fator, assim, eu já comecei um curso presencial pago, não dei conta de terminar, por causa financeiramente de Direito. Aí eu fui até o quinto período e não dei conta de concluir a faculdade objetivo [...] ai fiz vestibular pra Engenharia Elétrica, também passei só que é tempo integral [...] não dei conta também, porque tem que trabalhar, sustentar a família né ai não dei conta. <i>Ai fui tentando até que passei no sistema EAD, porque o sistema EAD, além de me dar a possibilidade de estudar e trabalhar, vou fazendo o que eu quero completando em casa com a outra.</i></i>
<i>Então pode falar porque é gratuito né e na possibilidade de tempo de não poder ir a faculdade todo dia.</i>	<i>Exatamente.</i>
<i>Você costuma estudar quantas horas por dia?</i>	<i>Geralmente é duas horas por noite, duas horas a três horas em dias normais, quando é dia da prova de três a quatro horas dependendo da necessidade.</i>
<i>O Senhor trabalha com o quê?</i>	<i>Eu sou eletricitista.</i>
<i>Já teve algum curso ou não?</i>	<i>Não, tenho curso de sistema elétrico, eletricitista, motorista. Piloto de retroescavadeira.</i>
<i>Curso técnico?</i>	<i>Isso. Técnico.</i>

<i>Fez presencial ou a distância?</i>	<i>Presencial.</i>
<i>Com é que foi assim, a graduação essa é [...] a primeira que vai terminar, o Senhor começou Direito mas não terminou.</i>	<i>Essa é a primeira graduação</i>
<i>E fazendo um paralelo assim, até com o Direito, com o técnico que era presencial com esse curso a distância, o Senhor vê muita diferença?</i>	<p><i>Muita diferença. O curso presencial ele se torna mais fácil pelo fato de você estar todo dia em contato com os professores e tem também os próprios alunos né [...] um vai tirando a dúvida do outro, faz grupo de estudo. O estudo a distância é só você e você mesmo. Então se você não tiver força de vontade não continua.</i></p> <p><i>É o que o Graciliano falou que muitos desistiram</i></p> <p><i>Uns quarenta [...] somos sete né muitos desistiram. Desistiu pela dificuldade porque primeira que é a matemática e a química são estudo muito difícil né[...] exata né [...] é muito difícil. Você estudar sozinho precisa de muita vontade mesmo, se não tiver não consegue,</i></p>
<i>E os professores atendem vocês no que precisam?</i>	<i>Atendem, temos ótimos professores, ótimos coordenadores. Nós temos aulas via online né[...] então todo sábado tem aula via online que nós entramos no moodle né [...] estudamos e temos aulas presenciais também a cada trinta dias, nós temos dependendo da necessidade cada matéria tem uma aula presencial o dia todo.</i>
<i>É quando tira as dúvidas?</i>	<i>Exatamente.</i>
<i>Com a turma vocês precisam estudar algum dia</i>	<i>Geralmente quando estamos perto de prova. Quando estudamos perto da prova, duas semanas antes, nós tiramos e fazemos grupo de estudos.</i>
<i>É presencial?</i>	<i>Presencial, reunimos no colégio e estudamos.</i>
<i>Então assim. O curso a distância é bom, mas exige uma disciplina e é mais [...]</i>	<i>É mais esforço e mais disciplina do que o presencial. Porque você tem que usar da tua força de vontade, você tem que deixar tudo para você entrar na frente do computador. Às vezes eu tenho minha família, tenho que deixar de sair com a família, sábado e domingo, para estudar se não, não dá conta.</i>
<i>E a atividades são difíceis?</i>	<i>São difíceis. São difíceis porque você sempre tem que pesquisar muito. Além da nossa aula, das matérias que mandam, nós temos que entrar [...] e estudando no you tube as matérias</i>

	<i>procurando outros meios para poder conseguir fazer.</i>
<i>O senhor não é professor?</i>	<i>Não.</i>
<i>Mas fazendo a licenciatura, tem vontade de partir para docência pro futuro?</i>	<i>Sim. Vou ser professor.</i>
<i>Escolheu a química porque é uma área [...]</i>	<i>É uma área que eu gosto, sempre gostei bastante, tem mercado e é também uma área que eu gosto que eu quero aprofundar mais, fazer outros cursos mesmo.</i>
<i>Você já tinha feito outro curso a distância ou esse é o primeiro?</i>	<i>Esse é o primeiro curso a distância.</i>
<i>No início foi difícil?</i>	<i>Muito, no primeiro e no segundo período quase desisti várias vezes. Porque assim [...] você não tem ninguém para tirar dúvida pessoalmente, não tem ninguém ali, professor é só via internet, às vezes você manda uma dúvida[...] leva três, quatro dias para responder, então quando vai responder a tarefa já venceu a data. Então assim quase desisti.</i>
<i>O que fez você continuar foi a força de vontade né?</i>	<i>Força de vontade assim[...] no meu caso, tá vindo do ensino médio [...] terminei o ensino médio em 2007 então[...] e terminei o ensino médio já assim com quarenta e poucos anos[...] terminei o ensino médio em 2007 com o sistema EAD [...] EJA, então como terminei assim, minha esposa já era formada. Criou um incentivo de estudar[...] eu já estou para fazer cinquenta anos [...] então eu tenho que estudar.</i>
<i>Ela é formada em que?</i>	<i>Letras.</i>
<i>Ela incentiva o Senhor?</i>	<i>Incentiva, me ajuda.</i>
<i>Então pode-se dizer que foi muito por causa disso, por essa força, desse incentivo e do apoio da família?</i>	<i>Se não tivesse o apoio da família eu não dava conta não.</i>
<i>Pro Senhor, como é aprender assim, como foi chegar. O Senhor até falou um pouco. Porque já tinha estudado no curso presencial quando chega no ensino a distância a gente leva [...]</i>	<i>Primeira coisa que se pensa é o diploma não tem o mesmo valor que o do curso presencial. Primeira coisa que você pensa, mas é o contrário né, o valor é o mesmo, não há diferença nenhuma e se você consegue chegar ao final é por merecimento mesmo é por esforço, o estudo é até mais que o presencial, porque você tem que se esforçar muito mais. A faculdade UFT, ela tem duas provas e a final né, é p1 e p2 e final, nós só temos uma prova</i>

	<i>final, então por isso nós temos que se esforçar mais ainda.</i>
<i>Então na mesma Universidade a EAD é diferente da presencial?</i>	<i>É diferente nós temos uma prova vale 7 e depois vamos pra final e se não alcançamos a média nessa, nós temos que ir para final.</i>
<i>É toda dissertativa né?</i>	<i>É dissertativa igual as outras, não tem negócio de marcar nada, você tem que escrever tudo certinho.</i>
<i>Porque tem cursos que são mais assim [..]</i>	<i>Mais light</i>
<i>Desleixado</i>	<i>Só marcar certo ou errado. Lá não você tem que escrever mesmo.</i>
<i>Como você avalia sua preparação para atuar na escola assim?</i>	<i>Eu assim, nós estamos com uma expectativa boa, como eu sou evangélico eu sou pastor, então tenho uma facilidade de comunicação com o público. Então eu tô com uma expectativa boa. Minha esposa também é professora né. Então acredito que estou preparado.</i>
<i>Você já teve a disciplina de metodologia ou ainda não?</i>	<i>Metodologia de quê?</i>
<i>Metodologia de ensino</i>	<i>Já.</i>
<i>Como foi essa disciplina. Foi mais teórica. Vocês aprenderam a dar aula?</i>	<i>Teórica mas nós aprendemos a preparar as aulas, aprendemos e temos outras disciplinas que tivemos como seminários dando aula [...] dando seminário na área. Todas elas dando uma certa preparação.</i>
<i>Esta é mais presencial, o professor lá</i>	<i>Presencial.</i>
<i>O estágio o Senhor não fez ainda?</i>	<i>Vamos começar agora, depois do dia 28</i> <i>Dia 28 nós temos aula presencial, já pra dar início no período do estágio.</i> <i>Já estamos fazendo contato com os colégios, organizando tudinho.</i>
<i>No que diz respeito ao conhecimento químico, você acredita que a disciplina do curso prepara para a sala de aula?</i>	<i>Sim. Preparam, porque além da disciplina teórica, nós temos também disciplina prática, né. Eu mesmo quero ser um professor de química [...] não trabalhar só com a teoria, quero trabalhar com a teoria e prática.</i>
<i>Vocês fazem experimentos, assim?</i>	<i>Sim. Experimentos lá na UFT.</i>

<i>No laboratório?</i>	<i>No laboratório.</i>
<i>Um curso bom</i>	<i>Um curso bom, normal igual a outro</i>
<i>A gente tem um pré-conceito do que a gente não conhece. Tenho percebido isso quando se fala em EAD, porque tem uns bons e tem os ruins como assim nos presenciais também tem.</i>	<i>Isso depende muito. O curso todo depende muito do aluno. É lá quem faz o curso é o aluno. O curso pode ser bom, mas se o aluno não se interessar, ele não vai adiante, não consegue ver o valor e aprender. O curso pode ser ruim, mas se o aluno se interessar, ele vai aprender, depende dele se ele se interessar[...] ele não vai depender só do curso. Ele vai procurar outro tipo de estudo alternativo.</i>
<i>Quem opta pelo EAD são pessoas que já trabalham, que já sabem o que querem, então acabem tendo mais disciplina. Os meninos que saem do ensino médio, por exemplo, a maioria desistem mais fácil.</i>	<i>Porque se tornam o curso assim [...] por exemplo, quando a pessoa tem uma mentalidade de faculdade, ela não tem uma mentalidade só de estudo, ela tem uma mentalidade de curtidão, vou estudar, mas vou curtir também. Quando ao curso EAD as pessoas mais assim de idade [...] como eu já vai pra estudar, não é para curtidão é para estudar. Para tentar se graduar em alguma área, saber mais.</i>

ENTREVISTA COM CLARICE LISPECTOR E CORA CORALINA

Perguntas	Entrevistadas	Respostas
<i>Iniciou em 2013 ou não?</i>	<i>Clarice</i>	<i>2012 fez o nivelamento</i>
	<i>Cora</i>	<i>Só que o nosso curso é com entrada em 2012</i>
<i>2012 que iniciou em 2013. A previsão de termino é em 2016/1 ou 2016/2</i>	<i>Clarice e Cora</i>	<i>Isso é 2016/2</i>
<i>Quais os fatores influenciaram e levaram vocês a optar por um curso na modalidade a distância</i>	<i>Clarice</i>	<i>Eu optei pela questão da facilidade né. Facilidade de se encontrar e do horário que eu poderia fazer do estudo. A minha prioridade foi essa.</i>
<i>Questão que você fez seu plano</i>	<i>Clarice</i>	<i>Que eu morava em outra cidade, então facilitava muito que uma faculdade presencial</i>
<i>Que na sua cidade não tem [...]</i>	<i>Clarice</i>	<i>Isso eu morava em Alvorada e não tinha pra eu cursar. Presencial não tinha como então optei em fazer a distância por conta disso e pela instituição UFT</i>

<i>E você?</i>	<i>Cora</i>	<i>Igual também. Filho [...] meu marido trabalha, outro curso que estava fazendo na época pesava demais para mim sair todo dia pra UNIRG né[...] se eu fosse fazer um presencial.</i>
<i>Então é mais disponibilidade de tempo mesmo né[...]</i>		
<i>Vocês têm outra graduação?</i>	<i>Clarice</i>	<i>No meu caso, sou formada em biologia e tenho pós-graduação em metodologia de ensino de química e biologia.</i>
<i>E você</i>	<i>Cora</i>	<i>Não.</i>
<i>É a primeira?</i>	<i>Cora</i>	<i>É.</i>
<i>Mas já começou algum outro ou não?</i>	<i>Cora</i>	<i>Não. Eu só fiz vestibular passei tudo [...] mas não cheguei [...]</i>
<i>O seu foi presencial ou a distância?</i>	<i>Clarice</i>	<i>O meu curso o primeiro da graduação foi presencial, fiz em outra cidade, mas era presencial também, e minha pós-graduação também.</i>
<i>E você traça um paralelo em suas duas graduações assim [...] ou você ache que são muito diferentes e nem [...]</i>	<i>Clarice</i>	<i>Eu falo que estou gostando mais deste curso de agora [...] porque assim, eu vejo que os professores [...] eles estão presentes com a gente todo dia, mas eles são muito assistentes. Na presencial eu não via. Ia pra lá [...] sala muito lotada, era aquela aula, depois se virava, porque a gente sabe que quem faz a faculdade é a gente mesmo, né [...] mas eu tô achando assim [...] mais fácil agora do que no tempo que eu estudei. Assim pela questão [...] estudar a gente estuda do mesmo jeito, mas eu tô achando mais fácil, assim, pela questão de ter sempre um professor, porque eles falam: qualquer dúvida você liga. Você tira dúvida com o tutor, então estou achando mais fácil pra cursar em relação a tirar dúvida do que no tempo que fiz o regular.</i>
<i>Querendo ou não o tutor [...] ele ajuda muito, né [...] assim,</i>	<i>Cora</i>	<i>A gente demora um pouquinho pra [...] pensa que não [...] eles estão lá mandando [...] tem</i>

<i>porque ele está sempre em contato com vocês, né [...]</i>		<i>alguma dúvida, me fala, não sei o que [...] se tiver com dúvida, me chama. A gente leva e não procura eles.</i>
<i>Os tutores são da área ou não</i>	<i>Clarice</i>	<i>Não. Tem uns que são da área, que tem cada [...] tem tutor presencial, tutor a distância, tutor de disciplina, por exemplo, algumas, a gente tinha a tutora Damiana que tirava dúvida da gente de qualquer área do primeiro período [...] era de ciência, era de matemática, era [...] qual é a dúvida que vocês têm venha [...] tirava tudinho. Então é assim. Pra mim isso é muito bom. Assim, ela sentava com a gente e tirava a dúvida, então tô achando, assim, melhor.</i>
<i>Que essa é a tutora presencial, no caso.</i>	<i>Clarice</i>	<i>Era. Ela era formada em química, mas a nossa atual mesmo [...] ela é formada em formada em farmácia, mas só que ela ajuda sim. Se ela não souber, ela procura o professor. Ela corre atrás para ajudar a gente. A gente tem muito apoio. Assim, apoio.</i>
<i>Entendi. Fora a pós você fez outro curso a distância?</i>	<i>Clarice</i>	<i>Sim eu já fiz. Eu já fiz assim [...] aqueles cursos que dão, que o governo passa. O de educação fiscal, já fiz pró-gestão também, cursos pra gestores, que estudam os módulos, né [...] tem os encontros. Já fiz pró-gestão, eu já fiz também um curso pela UNB que era o Gradus que foi de 180 horas, que vinham os professores de Brasília, dava aula pra gente no período de três dias por semana e a gente levava os módulos pra casa e estudava, fazia formações de professores mesmo, né [...] então nessa área [...] então sempre foi a distância.</i>
<i>E suas experiências foram [...]</i>	<i>Clarice</i>	<i>Sempre positivas.</i>
<i>Você já fez algum outro</i>	<i>Cora</i>	<i>Não.</i>
<i>E assim, ela quer ampliar o leque de docência e você pensa, quer ser mesmo</i>	<i>Cora</i>	<i>Eu pensava que talvez sim, mas acho que não dou conta não. Rsrtrs</i>

<i>professora?</i>		
<i>Mas por que?</i>	<i>Cora</i>	<i>Nossa meu Deus. Eu vejo ali o sofrimento dos professores, todo dia reclamando [...] mulher [...] o que é aquilo. Mas se surgir com certeza, né. Eu trabalho numa escola.</i>
<i>Então você já está no ambiente, isso, querendo ou não, deve ter influenciado na sua [...]</i>	<i>Clarice</i>	<i>Influenciou também.</i>
<i>Como é para vocês aprender na modalidade a distância, visto assim, no ensino médio e todas as outras nossas experiências sendo no presencial, como que foi, como é que está sendo na verdade de fazer esse curso?</i>	<i>Clarice</i>	<i>Hoje a gente estava até comentando sobre isso, não foi.</i> <i>É uma experiência nova, é na verdade dedicação nossa, do que mais do que tudo, né [...] dedicação nossa, rotina de estudo nossa. Eu tô vendo sempre pelo lado bom a nova experiência de leitura, pra leitura. A gente tem muito material de fácil compreensão [...] é tanto que a faculdade nossa, ela é como fosse um piloto, assim, da do Rio Grande do Norte [...] pegou o curso que veio de lá, trouxe o curso para cá e adaptou algumas coisas, assim. [...] eu acho as apostilas muito fáceis de compreensão, de estudo, de fazer as atividades, de pesquisa [...] só o diferencial, assim, questão de tempo, a gente como mãe, como professor, a gente não vive só pra estudo, né [...] então, assim, eu vejo isso aí, como um lado [...] ponto negativo para parar e ler gosto muito.</i>
<i>E você tem uma rotina diária ou vai como você consegue de estudo?</i>	<i>Clarice</i>	<i>Quando eu consigo de estudo, às vezes eu paro uma hora para ler, às vezes eu fico três horas, uma manhã toda estudando, lendo. Mas minhas leituras mais são nas madrugadas. Estudo muito as madrugadas, leio as apostilas.</i>
	<i>Cora</i>	<i>Para mim é difícil, porque eu sou muito desfocada e aí pra mim tentar [...] minha filha [...] pesquisar aquele assunto ali e aí começo</i>

		<i>a ler quando penso que não, acho outra coisa interessante e vou saindo, vou saindo. Quando penso que não, já estou muito longe da tarefa [...] mulher. Ai é assim, eu começo muito a fazer a responder uma atividade, passo mais de hora por causa disso.</i>
<i>Mas está conseguindo, já está no quinto período.</i>	<i>Cora</i>	<i>Mas é o companheirismo da nossa turma que um ajuda o outro bastante.</i>
<i>Eu percebo que mesmo sendo a distância parece que vocês são próximos [...] os colegas, os alunos, vocês criaram vínculos.</i>	<i>Clarice</i>	<i>A gente senta, quando a gente vem assim, a gente vai pro pólo tirar dúvida, vamos para lá e tiramos dúvida. Ou aqui também, estudando para prova, né. A gente é isso, a gente tem isso mesmo. [...] Não tô entendendo tal questão, como é que a gente desenvolve, a gente tem sempre esse contato, né. Se tentou fazer atividade, a gente fala muito por telefone.</i>
<i>Como eu gosto de falar, deve ser ruim você ficar sozinho, assim. Você cria essa rede, esse vínculo e um incentiva o outro.</i>	<i>Clarice</i>	<i>O pessoal do primeiro, eles não tem isso. É cada um por si e Deus por todos. É cada um competindo entre si, lá entre eles mesmo tem uma pressão danada.</i>
<i>Essa turma nova no caso</i>	<i>Clarice</i>	<i>A primeira turma</i>
<i>Formaram quantos a primeira turma?</i>	<i>Clarice</i>	<i>Seis ou sete [...] foram pouquíssimos. Tem um pólo em Cristalândia, um pólo em Gurupi. Sei que a nossa é mais unida e de discutir também, nosso foco aqui é de se formar a gente sabe disso, então assim, os que consegue desenvolver mais, ajuda os que não e assim a gente vai. E não é só com nós, a gente tem vínculo com o pessoal de Porto, com o pessoal de Palmas. Tem o Senhorzinho de Porto que ele faz a tarefa [...] manda para mim se eu consigo mando pra ele e é assim é os três pólos.</i>
<i>Talvez forma mais gente por causa disso. Eu acho às vezes que o individualismo [...] igual no Instituto teve um curso presencial de</i>	<i>Clarice</i>	<i>A gente é bem [...] principalmente aqui na turma de Gurupi a gente é bem unido, nós estamos em seis, somos seis tem uns que vem e vão e a gente descobriu que um voltou. Passou o ano passado todo sem estudar e</i>

<p><i>matemática que formou três, fico pensando [...] você gasta um dinheirão pra pagar o professor, porque entre quarenta e sai três [...]</i></p>		<p><i>voltou agora. Somos sete porque ofereceu o percurso e estamos em sete. Só que nosso foco aqui é somos todos se formar. Assim não tem isso, alguém sabe mais que o outro não. Inclusive te um senhorzinho de setenta anos ou sessenta e sete.</i></p> <p><i>Eu comecei em Gurupi, porque eu morava em Alvorada, mudei pra Palmas e fui fazer em Porto um ano em Porto. Ganhei neném, ganhei licença ai voltei para cá para Gurupi porque minha filha fica aqui para facilitar na casa das minhas cunhadas ai vou para a UFT.</i></p> <p><i>O pólo de Gurupi é mais unido do que de Porto, lá é mais individualista. Tem grupos e tem grupo fechado e tem o grupo que quer ser o melhor, quer mostrar para todo mundo que sabe muita coisa e deixar exposto para todo mundo.</i></p> <p><i>Assim que gente tem falado no curso a distância. Tem os desafios né [...] só que a gente [...] o desafio só vai vencer se a gente quiser, porque não é só aqui. A faculdade, foi o que o professor estava falando, às vezes passa o tempo todinho ali e não consegue entender e só falta só aquele estalo pra compreender, né. No nosso curso todinho a gente é muito incentivado a não desistir, a autoestima, a tutora mesmo, ela é uma pessoa assim é 10. Ela é a Damiana é Coordenadora do curso, ela sempre [...]. A gente olha pra ela, não tem tempo feio para ela e sempre incentivando, olha a gente. Precisando tal concurso, vai precisar, você vai se formar em química, olha isso. Vocês podem escolher [...] ela incentiva muito. Tá querendo sumir e ela vem, começa a explicar</i></p>
---	--	---

		<i>as coisas. É isso tudo. Eles fornecem assim mesmo. A gente participou do ano passado da primeira semana integrada e foi muito bom, assim, o que eles proporcionaram a bioquímica, biologia, química a distância, química, engenharia química, forneceram vários discursos e nós ficamos com a parte pedagógica e foi muito bom mesmo. Eles fornecem as coisas, vamos dizer apoio.</i>
<i>Como vocês avaliam a preparação para atuar no ensino presencial, porque vocês vão para o ensino médio</i>	<i>Cora</i>	<i>Não, não tenho nem o que responder</i>
	<i>Clarice</i>	<i>A preparação pro ensino médio eu acho que é muito estudo nosso, né. O professor assim, [...] ele tira a dúvida nossa, mas eu sei que eu tenho que partir de mim, não é só esperar o que eu vou aprender de alguma coisa na faculdade. Assim [...] eu vou lá me formar mas não tô esperando tudo que eu vou aprender de tudo de química e vou sair expert em química [...] que vai acontecer isso, eu não.</i>
	<i>Cora</i>	<i>Desse jeito a gente entrar na faculdade e sair de lá com tudo na cabeça e tal.</i>
<i>É todo dia estudar um pouquinho</i>	<i>Clarice</i>	<i>Eu vejo assim, a formação é nossa mesmo. Leitura e leitura. É tanto que eu tô até compartilhando com meus alunos que eu fiz quatro anos na faculdade antes e não sabia identificar o que era um ácido e uma base e vim aprender quando fui para sala de aula, lendo [...] então assim, minha professora presencial falava, mas eu não conseguia entender, não sei se era a dicção dela, eu não conseguia entender e hoje em dia é uma coisa mais boba do mundo que existe e eu não sabia disso. Quatro anos e eu não sabia diferenciar e hoje em dia eu digo não vou precisar do livro, lê então [...] eu vejo assim, educação a distância é isso, vai ler para poder entender, então da mesma forma que eu estou esperando na faculdade para quando isso terminar que eu for para sala atuar na</i>

		<p>área de química é isso, é leitura, compreensão. Minha parte para poder passar assim pros alunos, mas os professores tiram demais as dúvidas. Hoje mesmo o professor, ele tirou uma questão sobre gases, né. Sobre as questão o botijão mesmo que eu ficava me perguntando porque, porque e quando ele falou assim [...] foi tão simples[...] isso que meu Deus do céu é só isso. Escuta tanto de falar pressão de ATM, ATM e é só isso. Então a forma como ele falou facilitou muito assim [...] deu aquele estalo o que compreendeu um montão de coisas assim [...] então eu vejo assim, que vai me ajudar bastante na prática no ensino médio, eles tiram, querendo ou não, eles tiram essas dúvidas da gente. Não é aquela formação integrada toda, mas eles tiram muita dúvida, eles mostram muita parte prática, que os cursos da gente da minha primeira formação fui só uma vez no laboratório e agora aqui já formos umas quatro vezes. Sempre tem aulas de laboratório e ele mostra exemplos práticos do dia a dia que a gente pode estar trabalhando.</p>
Então pode-se dizer que você se sente preparada?	Clarice	Eu me sinto. Eu me sinto preparada
	Cora	Eu não. Eu acho que só vou sentir desse jeito quando eu começar a atuar mesmo.
	Clarice	Eu já tenho quinze anos em sala de aula. Já estou optando em fazer a distância mais pra poder ter minha área mais afim. Já dei biologia, matemática, física, química. Hoje em dia tô com aula de física, tô fazendo curso de química, então assim tá tudo [...]
Você acha que terminando química, eles vão te colocar só na química?	Clarice	<p>Ou na física eu não sei, como eles vão me colocar [...] assim, mais eu pretendo quando terminar o curso fazer o concurso para química.</p> <p>Eu sou formada em biologia. Só que eu sou</p>

		<i>contrato. Por isso dou aula de física, porque tenho mais facilidade, dessa parte então [...] assim. Eu ando nessas áreas em química, física, biologia [...]</i>
<i>Geralmente é assim</i>	<i>Clarice</i>	<i>Mas talvez com diploma em química, aí eles vão dizer agora nós temos uma licenciada em química e vão dar química.</i>
<i>A disciplina de metodologia está proporcionando base para atuar na sala de aula?</i>	<i>Clarice</i>	<i>Sim. A gente lê muito artigo, vê a prática em sala de aula, plano de estudo, planejamento e como é professor, aluno, problemas essas partes assim.</i>
	<i>Cora</i>	<i>Não tivemos aula presencial com ela, mas a distância foi bem [...]</i>
<i>Ela tirou dúvidas?</i>	<i>Clarice</i>	<i>Sim.</i>
<i>Vocês sentiram falta da aula presencial com ela?</i>	<i>Cora</i>	<i>Acho que não sei. Era pra dar mais uma explicadinha a respeito daqueles planos. Alguma coisa assim, só. Mais foi boa, muito boa</i>
<i>No estágio vocês vão dar aula?</i>	<i>Clarice</i>	<i>Sim. Vamos dar aula, mas essa primeira agora, não. Nós vamos fazer a primeira ainda então é só observar.</i> <i>Nós tivemos aulas quinze dias atrás com o professor Júlio Cesar e ele falou que todo documento a gente tem que guardar, de estágio que a gente vai desenvolver um projeto de escola, assistir as aulas e desenvolver [...] orientou que esse primeiro período que fosse para gente fazer essas elaborações. Que a gente vai assistir e acompanhar as aulas.</i>
<i>Vocês sabem quanto tempo dura o estágio?</i>	<i>Clarice</i>	<i>Vai durar dois anos, um por semestre.</i>
<i>Então vocês tem quatro estágios</i>	<i>Clarice</i>	<i>Sim</i>
<i>No que diz respeito ao conhecimento químico, vocês acreditam que a disciplina do</i>	<i>Cora</i>	<i>Se estivesse estudado bem, acho que dava para ter uma base, né. Porque se estudar bem dá sim.</i>

<p>curso preparam para ensinar?</p>	<p>Clarice</p>	<p>Ele é muito voltado pro ensino médio. A professora Juliana de tirar dúvida é muito boa mesmo. O professor que dá aula para gente, ele também tem o perfil de professor a distância, ele tem a questão de tempo, do prazo, de mostrar as atividades, a quantidade de exercícios, de tirar dúvidas, então assim, esses professores que a gente tem assim, pra essa parte de química, eles tiraram bastante as nossas dúvidas assim [...] na minha opinião de preparar mesmo na parte específica.</p>
<p>Das outras você acha que não foi muito?</p>	<p>Clarice</p>	<p>Tem uma professora que tira bastante dúvida, só que ela ainda deixa dúvida. Tira uma do lugar e deixa outra no lugar da área de exatas. Então assim, pra mim o problema é a demanda de exercícios [...] ela tem o perfil que [...] assim, a quantidade de atividades que ela manda pra gente é muita então, a gente fica sufocado com tanta atividade repetitivas.</p>
	<p>Cora</p>	<p>A gente deixa de fazer as outras porque a dela é muita e das outras são poucas você se envolve com a dele e esquece um pouco das outras, aí fica perdida.</p>
<p>Ela não tem o perfil de professora a distância, no caso?</p>	<p>Clarice</p>	<p>Pra compreender sobre a quantidade de atividades não. Ela é assim [...] na cabeça dela passa. Assim [...] que a gente tá fazendo um curso a distância quanto mais a gente vê melhor. Só que a gente não tem tempo pra ver assim a disponibilidade de se estudar sozinha com a demanda de atividades, com muitos prazos para poder postar é muita informação que ela coloca.</p> <p>Porque também na cabeça deles a gente faz igual sugere estudo de duas horas por dia [...] na cabeça deles a gente que fazer isso, faz isso mesmo, todo dia, se fosse para fazer</p>

		<i>mesmo. Todo dia separar duas horas dava para fazer. O negócio que a gente só faz quando dá, hoje deu meia hora, é meia hora. Aí complica.</i>
--	--	--

ENTREVISTA COM MACHADO DE ASSIS

Perguntas	Respostas
<i>Você está no 5º período?</i>	<i>É.</i>
<i>Você iniciou em 2013 [...] passou no processo 2012 e esteve no nivelamento?</i>	<i>Perfeito.</i>
<i>Quais os fatores influenciaram você a optar por um curso na modalidade a distância?</i>	<i>Tempo tá curto, eu trabalho em dois empregos. O principal foi o tempo</i>
<i>Você tem uma rotina diária de estudo ou conforme dá naquele dia?</i>	<i>É na verdade eu não tenho essa rotina diária, porque volta a dizer é muito corrido. Eu estudo mais fim de semana e quando tenho tempo na semana.</i>
<i>Na folga do trabalho [...]</i>	<i>É num intervalo e outro.</i>
<i>Você é graduado em outro curso?</i>	<i>Sou biologia.</i>
<i>Qual modalidade? Presencial?</i>	<i>Presencial.</i>
<i>Na modalidade a distância, você já tinha feito outro curso ou essa é a primeira?</i>	<i>Primeira.</i>
<i>E o que você está achando. Sua impressão a respeito do EAD.</i>	<i>Olha, eu acho que tem que melhorar muito a UFT. Pra se ter uma ideia nós fizemos três meses e até hoje não tem nota. Eu acho que está ficando muito a desejar.</i>
<i>Falta a questão administrativa?</i>	<i>É a administrativa, tá deixando muito a desejar e outra eu acho como é um curso de química, acho que deveria ter mais aula prática, tem pouca aula prática.</i>
<i>Vocês tiveram aula em laboratório?</i>	<i>Já, mas pouquíssimas vezes, eu confesso que hoje eu gosto do curso, mas tô frustrado, não tá correspondendo com as minhas expectativas e como eu já dou aula de química no ensino médio, eu queria ter essa vivencia no laboratório, na aula prática. Ter</i>

	<p>essa prática, pra poder dar aula, até o momento contribuiu muito pouco. Até porque, infelizmente a gente [...] assim, vai muito pouco ao laboratório acho que deveria [...] acho [...] deveria ser aula prática no curso.</p>
<p>Então às vezes para os outros é mais tranquilo, porque não estão em sala de aula, né. Não tem essa visão que está faltando [...]</p>	<p>Perfeito. Que para mim é uma complementação. Para mim dar aula no ensino médio com toda modéstia, de química, eu só dou biologia (...) , agora eu quero agregar mais, eu quero dar aula diferenciada. E como eu quero diferenciar, lógico que tem que pegar muito em química por causa desse embasamento. Agora por outro lado eu quero diversificar, não só com vídeo e internet. Porque o vídeo é muito fácil, o aluno busca. Qual é a minha ideia – é aprender na prática para estar fazendo algo prático com eles. E até o momento já estou no quinto período e não tenho [...] pouquíssimo, se eu já entrei foi umas cinco vezes no laboratório foi muito.</p>
<p>Você faz da questão [...] da metodologia de como passar para os alunos as experiências, né?</p>	<p>Até para aprender. Porque a prática ela é essência, para o curso de química e também para os alunos, porque teoria você encontra em qualquer livro. Agora prática acho que quando o aluno vê, visualiza, toca eu acho que ele aprende mais. Eu acho que o curso deixa a desejar nesse aspecto.</p>
<p>E pra você assim, como foi entrar num curso a distância. Você fez o ensino fundamental, o ensino médio no ensino presencial [...]</p>	<p>Olha eu. Como eu sempre dei aula de química e gosto muito de química, eu tive oportunidade de fazer um curso de química. Na verdade eu queria um presencial, mas aqui em Palmas não tem. E em função do corre corre, surgiu esse e optei por esse. E assim, no primeiro momento eu até achei assim, é light, esse curso é light, realmente o curso não é light, é puxado. O curso até pensei é light, mas não é, o curso é puxado e de certa maneira você tem que disciplinar. Pra estudar, para acompanhar o curso por mais que seja</p>

	<p><i>disciplinado, mas o que levou foi mais essa bagagem. Porque eu já fui chamado para ir para Universidade várias vezes e não fui porque não vou só com graduação. Ainda mais se eu chegar lá só formado em biologia. [...] não [...] sou formado em química e quero fazer o mestrado na área, então pra isso.</i></p> <p><i>Eu vejo a química também por outro lado social, se você pegar também que a maioria dos professores hoje que dão aula em química e não são formado em química. Tem esses alunos que chegam com dificuldades enormes, eles não viram e quem não é da área, eles trabalham com conteúdo teoricamente mais fáceis.</i></p>
<p><i>E traumatizam um pouco, né</i></p>	<p><i>Traumatiza.</i></p>
<p><i>Querendo ou não a química, física [...]</i></p>	<p><i>Faz essa disciplina como moeda de troca.</i></p> <p><i>Eu até [...] tive com um professor de matemática, física [...] o pessoal disse lá [...] passou nessas três [...] usam essas três como gargalo, como dificuldade. Não tem noção realmente.</i></p> <p><i>A gente chega no ensino médio, eu dou aula no terceiro ano e o terceiro ano chega sem base, sem noção de coisa básica (...), ligações, tanto é que agora tô começando a pegar no começo do ano para dar a base, mas volto a dizer, aqueles alunos que se frustraram e não mostraram que aquilo não é um bicho de sete cabeças.</i></p>
<p><i>Você atua no ensino presencial, como você avalia da química, a preparação para aula prática [...] você disse que esperava mais [...]</i></p>	<p><i>Ainda estou um pouco frustrado e espero que melhore, estou torcendo para que mude.</i></p>
<p><i>Fora estas frustrações, você se sente preparado?</i></p>	<p><i>Ai [...] eu sim. É muito ruim você dizer de você mesmo. Eu costumo dizer que quem deveria fazer esta avaliação seria os alunos, os</i></p>

	<i>próprios coordenadores. Mas eu acho que contribuo muito e significativo para eles, já que saiu algumas turmas que já dão aulas para eles, acho que assim [...]</i>
<i>Você fez a disciplina de metodologia?</i>	<i>Fiz na presencial.</i>
<i>Na distância não. Você aproveitou então, é isso?</i>	<i>Isso.</i>
<i>E estágio?</i>	<i>Estágio eu aproveitei, fiz também, na verdade eu inclusive [...] tive uma briga, porque eu quero aproveitar todas e ai eles dizem que [...] duas disseram que não é para aproveitar. Matemática aproveitei e duas em biologia vou aproveitar. Num dia desses eu conversei ali e a moça disse que você estagia em química, você estagia em química todos os dias, eu dou aula em química. A minha ideia é aproveitar, mas se não for possível.</i>
<i>Quanto tempo de estágio você já tem?</i>	<i>420 horas</i>
<i>Você já tem muitas horas já né, então vai acabar que [...]</i> <i>No que diz respeito ao conhecimento químico, você acredita que a disciplina do curso prepara para ensinar?</i>	<i>Parcialmente. Eu acho parcialmente.</i>
<i>Falta prática, né?</i>	<i>Sinceramente, eu olho os dois lados, às vezes eu fico pensando o que vai ser de meus colegas, porque pra quem tem uma base boa pode até preparar [...] mas os colegas que não tem base, eu não sei.</i> <i>Eu vejo [...] eu acho que o professor ele tem que ser diferenciado, se for para ser igual aos que estão aí, não precisa passar pelo sofrimento desse grande.</i> <i>E analisando, a medida, talvez a UNITINS, a UFT não vão formar professores diferenciados, então assim, vai estar igual a este curso agora [...]</i>

ANEXOS

Anexo A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



Universidade Federal de Santa Maria Centro de Educação – CE/UFSM Programa de Pós-Graduação em Educação Mestrado em Educação

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Maiara Sobral Silva, Jornalista e Mestranda em Educação, orientada pelo Prof. Dr. Guilherme Carlos Corrêa, desejo por meio deste, convidá-lo (a) a participar de uma pesquisa intitulada: **“UM OLHAR SOBRE AS DINÂMICAS E PROCESSOS DAS DISCIPLINAS DE METODOLOGIA E ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA FORMA DE ENSINO DE ENSINO A DISTÂNCIA”**.

Esta pesquisa visa compreender como os professores formados pelos cursos de licenciatura a distância enxergam sua formação e como essa forma de ensino de ensino lhes permitirão atuar como professores.

Para isso, será realizada uma entrevista, composta por questões desencadeadoras.

O estudo oferece um risco mínimo, você pode sentir algum desconforto ou intimidado, durante a entrevista. Caso aconteça, fica assegurado o seu direito de desistir sem qualquer prejuízo. A sua participação neste estudo não terá nenhum benefício pessoal direto; contudo, estará contribuindo para ampliação de conhecimentos sobre o tema.

Os dados coletados ficarão em completo sigilo, no Centro de Educação por um período de cinco anos sob a responsabilidade do professor Guilherme Carlos Corrêa (orientador da pesquisa). Após este período, os dados serão destruídos. Você tem direito de tirar suas dúvidas a qualquer momento sobre o andamento da pesquisa tendo a garantia de que todas as suas perguntas serão respondidas via contato por e-mail: maiara@ifto.edu.br.

Garante-se o compromisso da pesquisadora que os dados serão utilizados única e exclusivamente para a execução do presente projeto. As informações somente poderão ser divulgadas de forma anônima e serão mantidas no presente projeto de forma anônima.

Qualquer dúvida ou questionamento que os participantes venham a ter no momento da pesquisa, ou posteriormente, poderão esclarecer por meio dos seguintes contatos: maiara@ifto.edu.br, (63) 8406-1458.

Eu, _____, ciente do que foi exposto, acredito ter sido informado de maneira satisfatória a respeito da pesquisa, tendo ficado claro os propósitos do estudo, assim como os procedimentos, seus riscos e benefícios, a garantia de confidencialidade e esclarecimentos.

Concordo em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem acarretar qualquer dano e/ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

Sim Não

Em caso positivo: Concordo com a utilização das minhas falas, sem identificação do meu nome, apenas com nome fictício em publicações associadas.

Sim Não

Declaro que recebi cópia do termo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

XXXXX, TO, ___ de _____ de 2015.

Assinatura do entrevistado (colaborador da pesquisa)

Assinatura da mestrandia pesquisadora

Assinatura do Orientador

Anexo B – Termo de Confidencialidade



**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação – CE/UFSM
Programa de Pós-Graduação em Educação
Mestrado em Educação**

TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

Título do projeto: UM OLHAR SOBRE AS DINÂMICAS E PROCESSOS DAS DISCIPLINAS DE METODOLOGIA E ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA FORMA DE ENSINO DE ENSINO A DISTÂNCIA

Pesquisador responsável: Maiara Sobral Silva

Instituição/Departamento: UFSM/PPGE/Mestrado em Educação

Telefone para contato: 63 8406-1458

E-mail para contato: maiara@ifto.edu.br

Locais da coleta de dados: Cidades do Estado do Tocantins

Os pesquisadores do presente projeto se comprometem a preservar a privacidade dos sujeitos cujos dados serão coletados, através de entrevista, com coordenadores de curso e estudantes de licenciatura a distância.

Concordam, igualmente, que estas informações serão utilizadas única e exclusivamente para execução do presente projeto. As informações somente poderão ser divulgadas de forma anônima e serão mantidas na presente dissertação de forma anônima e as informações prestadas ficarão em completo sigilo, no Centro de Educação por um período de cinco anos sob a responsabilidade do Sr. Guilherme Carlos Corrêa (orientador da pesquisa). Após este período, os dados serão destruídos.

XXXXX, ___ de _____ de 2015.

Prof. Dr. Guilherme Carlos Corrêa
Orientador